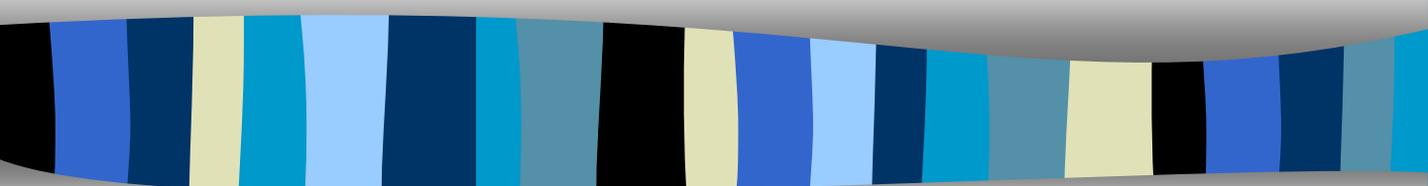


PROJETO SERT / DIEESE

**OBSERVATÓRIO DO
FUTURO DO TRABALHO**



**SISTEMA DE PROJEÇÃO
OCUPACIONAL**

RELATÓRIO III

Julho de 2002

PROJETO SERT/DIEESE

OBSERVATÓRIO DO FUTURO DO TRABALHO

SISTEMA DE PROJEÇÕES OCUPACIONAIS

RELATÓRIO III

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	03
2. INTRODUÇÃO	06
3. A CARACTERIZAÇÃO DAS OCUPAÇÕES	10
3.1. Caracterização dos condutores	15
3.1.a Perfil dos condutores - total da ocupação	16
3.1.b Perfil dos condutores do setor de transporte e comunicações	25
3.1.c Perfil dos condutores do comércio	28
3.1.d Perfil dos condutores da administração pública direta e autárquica	31
3.2 A caracterização dos garçons e <i>barmen</i>	33
3.2.a Perfil dos garçons e <i>barmen</i> - total da ocupação	34
3.2.b Perfil dos garçons e <i>barmen</i> dos serviços de alojamento e alimentação	40
3.2.c Perfil dos garçons e <i>barmen</i> do comércio varejista	43
4. A NOVA CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES	44
5. PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS E DEMANDA DE OCUPAÇÕES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
ANEXOS	61

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 - Distribuição setorial dos condutores - RMSP - 2000

Gráfico 1 - Distribuição setorial dos condutores - RMSP - 2000

Tabela 2 - Distribuição etária dos condutores - RMSP 2000

Tabela 3 - Escolaridade dos condutores - RMSP - 2000

Tabela 4 - Distribuição dos condutores por faixa de rendimento - RMSP - 2000

Tabela 5 - Rendimento médio dos condutores - RMSP - 2000

Tabela 6 - Jornada de trabalho contratual dos condutores - RMSP - 2000

Tabela 7 Distribuição dos condutores por tamanho de estabelecimento - RMSP - 2000

Tabela 8 - Distribuição etária dos condutores de transporte e comunicações - RMSP - 2000

Tabela 9 - Escolaridade dos condutores de transporte e comunicações - RMSP - 2000

Tabela 10 - Distribuição dos condutores de transporte e comunicações por faixa de rendimento - RMSP - 2000

Gráfico 2 - Escolaridade dos condutores do comércio- RMSP - 2000

Gráfico 3 - Escolaridade dos condutores - total da ocupação- RMSP - 2000

Tabela 11 - Distribuição setorial dos garçons, *barmen* e assemelhados - RMSP - 2000

Gráfico 4 - Distribuição setorial dos garçons e *barmen* - RMSP - 2000

Tabela 12 - Distribuição etária dos garçons, *barmen* e assemelhados - RMSP - 2000

Tabela 13 - Escolaridade dos garçons, *barmen* e assemelhados - RMSP - 2000

Tabela 14 - Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados por faixa de rendimento - RMSP - 2000

Tabela 15 - Jornada de trabalho contratual dos garçons, *barmen* e assemelhados - RMSP - 2000

Tabela 16 - Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados por tamanho de estabelecimento - RMSP - 2000

OBSERVATÓRIO DO FUTURO DO TRABALHO

SISTEMA DE PROJEÇÕES OCUPACIONAIS

1. APRESENTAÇÃO

Em prosseguimento aos trabalhos e estudos previstos no Projeto SERT 2001 - Projeto de Emprego e Renda no Estado de São Paulo: Análise e Projeções, através do convênio firmado entre o DIEESE e a Secretaria de Emprego e Relações de Trabalho do Estado de São Paulo, foi elaborado este relatório para o Observatório do Futuro do Trabalho, que registra o processo e os resultados das atividades desenvolvidas em uma terceira etapa de desenvolvimento de um Sistema de Projeções Ocupacionais para o Estado de São Paulo.

Posto que a consecução das tarefas relacionadas à construção do Sistema de Projeção Ocupacional estão conforme o previsto, sendo realizadas em conjunto com a equipe do Observatório, o presente documento relata e qualifica os trabalhos desenvolvidos pelos técnicos do DIEESE e da SERT para a construção de um sistema de projeções ocupacionais adequado à realidade do mercado de trabalho no Estado de São Paulo.

Foram encaminhados anteriormente a esta Secretaria dois relatórios. O primeiro era constituído, principalmente, por considerações básicas, conceituais e práticas, para a estruturação de um sistema de projeção envolvendo um conjunto

de ocupações no mercado de trabalho brasileiro. Nele foram estabelecidas, de forma sistematizada, as características essenciais de um sistema de projeções ocupacionais, assinalando-se quais etapas, elementos e variáveis o compõem. Além disso, discutiu questões pertinentes à economia e à sociedade brasileira, que devem ser contempladas na estruturação, no desenvolvimento e na operacionalização do sistema de projeções ocupacionais que seja a elas necessariamente conectado.

O segundo relatório apresentou, por sua vez, o efetivo desenvolvimento das discussões e dos trabalhos realizados pela equipe do Observatório para a estruturação de um Sistema de Projeções Ocupacionais para o Estado de São Paulo. Nele estão descritos e qualificados os significativos progressos realizados pela equipe técnica que está discutindo e elaborando o modelo de projeções ocupacionais, com o registro das importantes definições e critérios estabelecidos, resultantes das discussões e exercícios efetuados, e dos rumos e etapas definidos para a continuidade dos trabalhos. O principal resultado desse processo foi a seleção de um conjunto de onze ocupações que deve compor um primeiro modelo piloto do Sistema.

A definição do conjunto de ocupações, apresentada no segundo relatório, delimita o foco dos trabalhos e permite que eles se direcionem para a estruturação da lógica do sistema de projeção e sua operacionalização. Entre as várias etapas a serem ainda percorridas, a primeira é a caracterização mais refinada das ocupações, com a definição das variáveis que mais adequadamente

descrevam, para os propósitos do sistema de projeções, os atributos pessoais e econômicos dos trabalhadores nelas inseridos. Outras etapas devem ser vencidas para a estruturação completa do modelo piloto, que deve ser a base sobre a qual vai ser erigido o Sistema de Projeções Ocupacionais: identificação das tendências da demanda de ocupações, em função das perspectivas de evolução da atividade econômica e seu impacto sobre o emprego em nível setorial; e a definição das variáveis que influenciam o comportamento da oferta e demanda de ocupações; o inter-relacionamento dessas variáveis no interior do modelo, e em sua dinâmica.

O presente documento tem como núcleo a caracterização das ocupações, com a indicação e análise de atributos que devem ser considerados para sua qualificação. Ele apresenta o perfil de duas ocupações que integram o conjunto das onze selecionadas para o modelo piloto: condutores e garçons e *barmen*, através da avaliação de sete variáveis: sexo, faixa etária, escolaridade, faixa de rendimento, rendimento médio, jornada de trabalho contratual e tamanho do estabelecimento. Essa análise do perfil é apresentada para o total de cada uma das duas ocupações e para os setores em que elas são mais significativas. O objetivo desse exercício é fornecer um parâmetro que contribua com a estruturação da caracterização das ocupações em geral.

O relatório contém, além dessa discussão nuclear, comentários sobre a Nova Classificação Brasileira de Ocupações (em fase final de elaboração), e os impactos que ela pode acarretar para o desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais. São apresentadas, também, considerações e propostas

para tratamento das projeções macroeconômicas, de evolução do nível de atividades e sua compartimentação setorial, como elemento central para projeção da demanda de ocupações.

O presente relatório pretende consolidar uma etapa importante do processo de construção do Sistema de Projeções Ocupacionais qual seja, delinear os parâmetros básicos para a caracterização das ocupações selecionadas para a estruturação do modelo piloto. Ele aponta, ainda, quais etapas ainda devem ser superadas e sugere alternativas para os próximos passos desse trabalho. Esse documento tem por base as discussões, os exercícios e as conclusões da equipe de técnicos que está desenvolvendo o sistema.

2. INTRODUÇÃO

A construção do Sistema de Projeções Ocupacionais atingiu um novo estágio, a partir das definições da sua delimitação espacial e do conjunto de ocupações que devem ser por ele acompanhadas e objeto de suas projeções. Esses dois critérios constituem uma demarcação essencial para a estruturação do modelo piloto de projeções ocupacionais, pois permite que os trabalhos para seu desenvolvimento sejam mais concentrados em um foco bem delimitado. Essa situação possibilita um aprofundamento maior e mais objetivo na análise dos outros elementos e variáveis que podem compor a estrutura do modelo, e das relações que serão estabelecidas entre elas, para o seu adequado funcionamento.

Cumpramos ressaltar que essas definições – delimitação espacial e conjunto de ocupações – resultam do percurso de várias etapas de desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais do Estado de São Paulo, pela equipe de técnicos do DIEESE, da SERT e do CESIT/IE/UNICAMP. Nesse trajeto muitas discussões e exercícios foram realizados e muitas opções foram feitas, que conduziram àquelas definições, o que já foi descrito nos dois relatórios elaborados anteriormente. Nesse processo, a maioria dos elementos e variáveis que devem constituir o sistema de projeções foram objeto de discussão, questionamentos e alternativas de solução, no interior da equipe, o que se reflete em um expressivo acúmulo de conhecimentos coletivizado, definindo com maior objetividade e profundidade a trajetória a ser seguida, com o estabelecimento das etapas a serem cumpridas, e o respectivo cronograma.

A próxima fase a ser vencida, após a definição das ocupações¹, seria a sua caracterização. Ou seja, o passo inicial seria traçar o perfil das ocupações selecionadas, que retratasse quais as peculiaridades de cada uma. Esse trajeto foi escolhido a partir de uma reunião da equipe de trabalho, quando foram apresentados e discutidos diferentes exercícios com as principais características das ocupações selecionadas, com base em fontes distintas, mas critérios bastante similares. Os técnicos do DIEESE apresentaram características das ocupações com base em tabulações da Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED (DIEESE/SEADE), o representante do CESIT apresentou resultados de tabulações da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD), e os

¹ O que se chama de ocupações neste relatório corresponde às famílias de ocupações da CBO.

técnicos da SERT utilizaram a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Com pequenas variações, esses exercícios utilizaram basicamente as mesmas variáveis para fazer a caracterização: sexo, idade, grau de instrução, remuneração e jornada, entre outros.

A apresentação desses exercícios mostrou a riqueza de informações disponíveis que permitem uma expressiva caracterização de cada ocupação, sobre vários aspectos. Esse fato conduziu à decisão de se fazer um primeiro trabalho com a caracterização das onze ocupações selecionadas. Isso requer, entretanto, um trabalho de sistematização e de padronização das variáveis de caracterização, além da definição de como se trabalhar cada uma das três fontes de informações. Foram definidas, a partir de então, as variáveis consideradas principais para a identificação do perfil das ocupações.

O resultado das tabulações deveria ser o suporte para a elaboração de um primeiro relatório oficial do Sistema de Projeções Ocupacionais do Estado de São Paulo, restringindo-se à caracterização das onze ocupações selecionadas.

A primeira parte do presente documento traz a descrição e uma breve análise do perfil de duas ocupações que devem compor o modelo piloto do sistema de projeções. São elas: garçons e *barmen* e condutores. A caracterização apresentada e comentada é feita para o total de cada uma das duas ocupações e para os setores em que elas mais se concentram. O objetivo dessa seção do relatório é estabelecer um padrão de avaliação e caracterização, que sirva de parâmetro para o conjunto das ocupações e para a elaboração do primeiro

documento oficial do Sistema de Projeções Ocupacionais do Estado de São Paulo.

Na segunda parte desse relatório são apresentadas algumas considerações sobre a Nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em fase de conclusão e consolidação pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Os comentários constantes desse tópico têm por base a apresentação da estrutura e das características centrais da Nova CBO, a partir de exposição da equipe técnica do MTE. Pretende-se apresentar algumas questões relevantes que podem afetar a construção do Sistema de Projeções Ocupacionais, tendo em vista as alterações que vão ocorrer na classificação e na definição das ocupações, em relação à CBO ainda vigente. Como a nova CBO não está concluída, e não é utilizada pelas estatísticas oficiais da RAIS, os próximos passos de desenvolvimento do sistema de projeções devem ter como base a classificação vigente, em particular no trabalho de definição das ocupações e no acompanhamento de sua evolução histórica. Quando a nova CBO passar a vigorar, vários ajustes deverão ser realizados, a partir dos critérios de compatibilização estabelecidos pela nova classificação, para que sejam preservadas as análises das séries históricas, e adequadas à descrição de cada ocupação.

Por fim, a terceira e última parte do relatório apresenta os comentários e sugestão de alternativas para a escolha e tratamento de cenários econômicos prospectivos, posto que este é o elemento central para a projeção da demanda de

ocupações. Os estudos existentes traçam perspectivas para as variáveis agregadas em nível macroeconômico, e não apresentam abertura setorial nem regional, o que foi discutido no relatório anterior encaminhado à SERT. Para que as projeções econômicas sejam mais próximas da realidade das ocupações analisadas, é necessário identificar alternativas que nos forneçam informações mais detalhadas e capazes de possibilitar um maior aprofundamento dos cenários macroeconômicos, compatível com os objetivos e as necessidades do sistema de projeções ocupacionais. Os comentários constantes da última parte apontam nessa direção.

As considerações finais trazem uma breve sistematização realçando os aspectos mais relevantes da análise constante do conjunto do relatório. São indicadas, também, quais etapas podem ser percorridas na continuidade da estruturação do modelo piloto do Sistema de Projeções Ocupacionais.

3. A CARACTERIZAÇÃO DAS OCUPAÇÕES

Conforme já mencionado, a próxima etapa da estruturação do Sistema de Projeções Ocupacionais é a caracterização das ocupações selecionadas para compor o modelo piloto. O perfil de cada ocupação deve ser delineado de acordo com um conjunto de variáveis que reflitam sua realidade em termos de atributos pessoais e econômicos. O resultado dessa caracterização constituirá um primeiro relatório do SIPOESP, que se circunscreverá a elas e não contemplará as projeções ocupacionais, pois faltam cumprir diversas fases para sua devida

estruturação, em particular no que diz respeito à definição do tratamento mais adequado das informações que devem subsidiar sua elaboração.

A definição pela via da caracterização das ocupações como movimento inicial para a construção do primeiro produto do SIPOESP ocorreu em reunião da equipe técnica, em que foram apresentadas diversas tabulações da PED, da RAIS e da PNAD², elaboradas, respectivamente, pelo DIEESE, SERT e CESIT. Ficou nítido que a necessidade de padronização dos critérios para caracterizar as variáveis, bem como definir qual das três fontes de informações estatística seria a mais adequada neste estágio, e qual papel caberia às outras.

No que diz respeito à padronização, foram selecionadas as seguintes variáveis: sexo, faixa etária, grau de instrução - como atributos pessoais -, faixa de rendimento, rendimento médio, jornada de trabalho e tamanho do estabelecimento - como atributos econômicos. Para cada uma das variáveis, à exceção de sexo e rendimento médio, foram fixadas as faixas em que os trabalhadores se distribuem, e que devem ser consideradas no delineamento do perfil das ocupações. Essa definição das faixas de distribuição pode ser verificada nas caracterizações das ocupações apresentadas a seguir. A escolha das variáveis foi realizada em uma reunião de um grupo mais reduzido de técnicos, que integram a equipe do SIPOESP, incumbido de elaborar uma proposta de padronização do tratamento e sistematização das variáveis de caracterização.

² Uma descrição detalhada das características de cada uma dessas fontes de informação estatística e de sua metodologia constam do segundo relatório de desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais.

Ficou estabelecido que a base de dados fundamental deve ser a RAIS, por possuir um caráter censitário e permitir uma desagregação maior e mais detalhada dos dados. A PED e a PNAD, por serem pesquisas amostrais não permitem uma maior abertura nas informações sobre ocupações. No entanto, ambas fornecem informações bastante importantes em nível mais agregado para o total de uma ocupação. Nesse sentido, a RAIS foi escolhida como a fonte de dados principal para delinear o perfil das ocupações, e também para acompanhar sua evolução histórica e a PED e a PNAD são complementares. A principal contribuição das duas pesquisas se refere à identificação da proporção de trabalhadores sem vínculo empregatício formal, ou registro em carteira, pois ambas são domiciliares e as informações por elas captadas não têm a mesma abrangência daquelas processadas pela RAIS, que só registra os trabalhadores com vínculo formal. Esse tipo de informação pode ser relevante para caracterizar um conjunto de ocupações, posto que uma expressiva parcela da população economicamente ativa ocupada possui relações contratuais de trabalho precárias, sem qualquer vínculo empregatício, ou na condição de autônomos.

Como foi dito neste tópico são apresentadas as caracterizações de duas ocupações entre as onze selecionadas para compor o modelo piloto do Sistema de Projeções Ocupacionais. Relacionamos, a seguir, as onze ocupações escolhidas³, para melhor situar as duas cujo perfil é delineado e comentado nesse trabalho:

³ A relação das onze ocupações consta do segundo relatório sobre a estruturação e o desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais, no item que discorre sobre o processo de seleção das ocupações.

1. Construção Civil: **pedreiros, trabalhadores de concreto armado, telhadores, carpinteiros, ladrilheiros, entre outros** (cód. CBO 951 a 959);

2. Indústria de Transformação:

Metal-Mecânica: **operadores de máquina-ferramenta** (cód. CBO 835);

Papel e Gráfica: **ocupação mais relevante no setor** (a ser definido);

3. Comércio: a ser definido a partir de consultas às entidades representativas (associações de classe e sindicatos de trabalhadores, entre outras);⁴

4. Serviços:

Telecomunicações: **técnicos de eletricidade, eletrônica e telecomunicações** (cód. CBO 034);

Turismo: Hotelaria e hospedagem: **trabalhadores de serventia – domicílios e hotéis – e assemelhados** (cód. CBO 540);

Alimentação: **garçons, barmen e assemelhados** (cód. CBO 532);

4.4 Transportes: **condutores** (cód. CBO 985);

4.5 **Telefonistas, telegrafistas e assemelhados** (cód. CBO 380):

- comércio e administração de imóveis e valores mobiliários;
- instituições de crédito, seguros e capitalização

5. Serviços Sociais:

Saúde: **personal de enfermagem, laboratórios, etc.** (cód. CBO 572);

Educação: **professores**

- **ensino superior** (cód. CBO 131 a 139);
- **ensino médio - 2º grau** (cód. CBO 141);
- **ensino fundamental – 1º grau** (cód. CBO 142).

Como mencionado acima, são aqui apresentadas as caracterizações de duas ocupações:

- **condutores** de automóveis, ônibus, caminhões e veículos similares (cód. CBO 985);
- **garçons e barmen**, e trabalhadores assemelhados (cód. CBO 532).

Cabe mencionar que a definição dessas duas ocupações, aqui discutidas, resulta da reunião de um grupo reduzido de técnicos, citada anteriormente. Nessa ocasião foi acertado que os representantes da SERT seriam encarregados das ocupações de operadores de máquina-ferramenta os do DIEESE se incumbiriam dessas duas ocupações, cujo perfil é aqui descrito e comentado.

O perfil de cada uma das duas ocupações é retratado de acordo com as variáveis relacionadas acima (sexo, faixa etária, grau de instrução, faixas de rendimento, rendimento médio, jornada de trabalho e tamanho do estabelecimento), e com a divisão em faixas definidas, quando for o caso. Além disso, cada variável é apresentada e comentada dividida por sexo.

⁴ Com referência ao 2º relatório, destacamos essa ocupação em relação ao Setor Turismo.

Entretanto, o primeiro item da caracterização em cada caso é a distribuição da ocupação entre os setores econômicos, para identificar em quais deles ela está mais concentrada. Para os setores em que a ocupação está mais presente é delineado seu perfil, segundo as mesmas variáveis consideradas para o total de trabalhadores nelas classificados.

Como foi dito, a fonte de dados básica das informações utilizadas nesse trabalho é a RAIS, com a utilização de informações da PED para melhor qualificar alguns de seus aspectos. Os setores considerados para a escolha daqueles em que a ocupação é mais freqüente são os utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

3.1 Caracterização dos condutores

Essa ocupação – cód. 985 da CBO - (ou família de ocupações – vide nota 1) abrange os seguintes trabalhadores⁵: motoristas, em geral; condutores de bonde; motoristas de táxi; motoristas de carro de passeio; motoristas de ônibus; motoristas de furgão ou veículo similar; motoristas de caminhão; motociclistas (transporte de mercadorias); condutores de caminhão-basculante; motoristas de caminhão-betoneira; tratoristas (exceto atividades agrícolas e florestais), outros condutores de automóveis, ônibus, caminhões e veículos similares. Essa relação de ocupações específicas corresponde, de maneira sintética, à descrição das funções dos condutores, em geral.

⁵ Ocupações, classificadas a cinco dígitos, pertencentes à família dos condutores, classificada a três dígitos, de acordo com a CBO.

É importante destacar que esse trabalho se circunscreve aos **condutores** da Região Metropolitana de São Paulo, que é demarcação espacial definida para a construção do Sistema de Projeções Ocupacionais, em uma primeira fase, e em especial de seu modelo piloto.

3.1.a Perfil dos condutores - total da ocupação.

Antes de apresentar e comentar as características principais do perfil dos **condutores**, entretanto, é necessário verificar qual a sua concentração nos setores econômicos, para identificar aquelas atividades em que esses trabalhadores estão em maior quantidade. A distribuição setorial dos condutores pode ser verificada na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1
Distribuição setorial dos condutores
RMSP - 2000

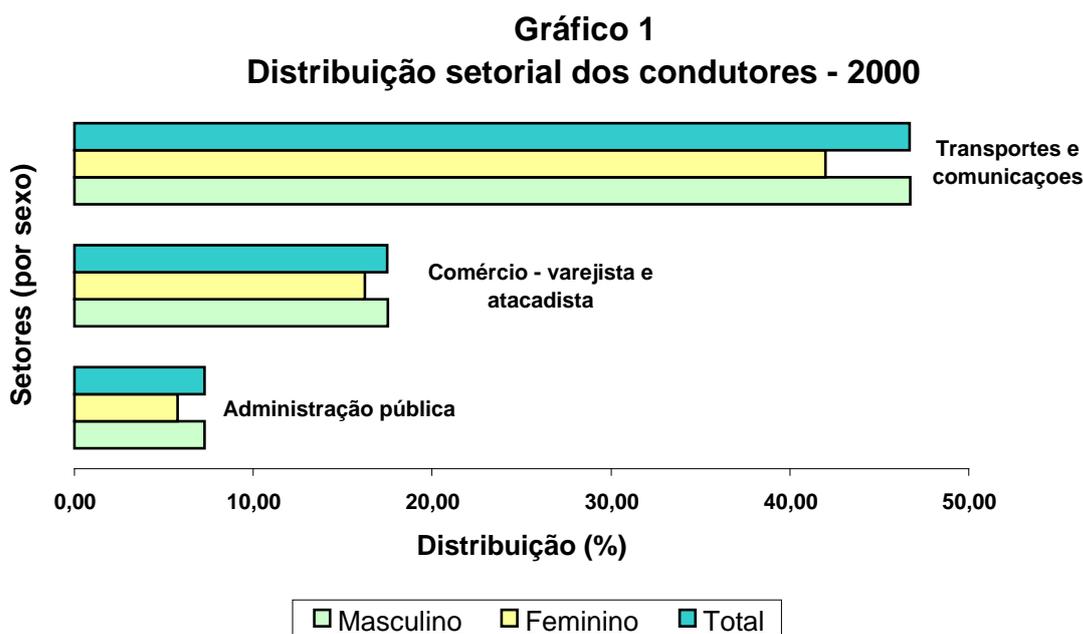
Setores	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
Indústria	9,85	8,95	9,85
Construção civil	4,51	2,26	4,49
Serviços	6,43	9,21	6,46
Com. e adm. imóveis, valores Mobiliários,	7,07	15,31	7,14
Administração pública direta e autárquica	7,29	5,77	7,27
Comércio - varejista e Atacadista	17,51	16,23	17,50
Transportes e Comunicações	46,72	42,01	46,68
Total ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Incorpora também as seguintes classificações setoriais: agricultura, silvicultura e extrativismo vegetal; extrativa mineral; e outros.

Os setores que apresentam maior concentração de condutores são, pela ordem, transporte e comunicações, comércio (atacadista e varejista), indústria e administração pública direta e autárquica e comércio e administração de imóveis, valores mobiliário, que congregam juntos 88,4% dos trabalhadores nessa ocupação. No entanto, para a descrição do perfil dos condutores não se considerou, nesse estudo, a indústria, por incorporar todos os ramos da indústria de transformação, sendo que a participação dos condutores em cada um é bastante reduzida. Foi incluída para caracterização a administração pública, que possui regras diferenciadas no que diz respeito às condições de contratação e dispensa de seu efetivo de pessoal, em tese, em função do que estabelecem as determinações constitucionais e a legislação pertinente ao funcionalismo público.

Assim, são apresentadas mais adiante as caracterizações dos condutores de transporte e comunicações, comércio e administração pública. As três atividades, que são do setor de serviços, respondem, em conjunto por 71,45% do total de condutores. O Gráfico 1, abaixo, permite uma visualização da participação individual dos três setores.



Fonte: RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

A ampla maioria dos condutores possui carteira assinada (83,7%), segundo a PED. Esse fato indica que a caracterização dos condutores, a partir das informações da RAIS, possui elevada significância, e as variáveis descritivas delineiam um perfil de grande aderência com a realidade. Essa informação, obtida através das pesquisas amostrais domiciliares - PED e PNAD -, é de grande importância para melhor qualificar e precisar a descrição e análise do perfil da ocupação.

Conforme mencionado anteriormente, todas as variáveis de caracterização das ocupações contêm informações para os sexos masculino e feminino, para que se possa observar com maior detalhe as diferenças existentes entre ambos. No que se refere aos condutores, a quase totalidade dos trabalhadores são do sexo masculino (99,2%, segundo a RAIS). Ou seja, nessa ocupação, as mulheres

praticamente não ingressaram. Isso não quer dizer, entretanto, que não existam diferenças significativas entre os dois sexos. Esse fato pode ser verificado através da descrição obtida através das outras variáveis de caracterização, como se pode ver a seguir.

Tabela 2
Distribuição etária dos condutores
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
10 a 17 anos	0,02	0,50	0,03
18 a 24 anos	6,52	18,08	6,61
25 a 39 anos	46,11	54,48	46,18
40 a 49 anos	31,65	19,50	31,55
50 a 64 anos	14,88	6,78	14,81
65 anos e mais	0,81	0,67	0,81
Total ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Como pode ser observado na Tabela 2, a concentração de mulheres é maior que a dos homens na faixa de 18 a 39 anos (72,6% contra 52,6%) e a dos homens é mais expressiva, com relação às mulheres, no grupo de 40 a 49 anos (31,7% contra 19,5%). Entretanto, como a participação dos homens é quase absoluta no conjunto dos condutores, a distribuição entre as faixas etárias no total da ocupação é bastante similar à do sexo masculino.

Tabela 3
Escolaridade dos condutores
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino %	Feminino %	Total %
Analfabeto	0,89	0,59	0,88
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	55,03	41,34	54,92
1º Grau Completo ⁽²⁾	34,16	38,16	34,19
2º Grau Completo ⁽³⁾	9,52	19,00	9,60
Superior Completo	0,40	0,92	0,40
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclui analfabetos.

(2) Inclui 2º grau incompleto.

(3) Inclui superior incompleto.

Os condutores possuem, na sua grande maioria, um grau de instrução reduzido, pelo que se pode depreender da Tabela 3, pois 89,9% possuem apenas até o 1º grau completo, sendo que mais da metade do total dos trabalhadores da ocupação (54,9%) não concluíram essa etapa da formação escolar. Importa notar que as mulheres possuem uma escolaridade maior, mas, a exemplo do verificado na distribuição etária, e pela mesma razão, o grau de instrução do total dos condutores é quase igual ao dos homens dessa ocupação.

Tabela 4
Distribuição dos condutores por faixa de rendimento
RMSP – 2000

Faixas de rendimento (em salário mínimo)	Masculino %	Feminino %	Total %
Até 2 SM	3,40	13,22	3,49
De 2 a 3 SM	8,54	15,06	8,59
De 3 a 5 SM	40,31	38,49	40,30
De 5 a 10 SM	39,61	26,11	39,50
Mais de 10 SM	5,40	3,10	5,38
Total ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

A distribuição dos condutores por faixa de rendimento revela, de acordo com a Tabela 4, que sua remuneração pode ser considerada razoável, pois 79,8% recebem entre 3 e 10 salários mínimos. As mulheres concentram-se nos estratos menores de rendimento, sendo que 28,3% percebem até 3 e 38,5% ganham entre 3 e 5 salários mínimos. Os homens, por sua vez, encontram-se em faixas superiores, com 79,9% recebendo entre 3 e 10 salários mínimos. A avaliação dessa distribuição por faixa de rendimentos pode ser qualificada com a verificação da remuneração média dos condutores, conforme demonstrado pela Tabela 5, apresentada a seguir.

Tabela 5
Rendimento médio dos condutores
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	(valores em R\$)		
	Masculino	Feminino	Total
Até 2 SM	222,63	244,43	223,31
De 2 a 3 SM	395,01	390,45	394,94
De 3 a 5 SM	583,86	572,59	583,78
De 5 a 10 SM	1.021,35	997,87	1.021,22
Mais de 10 SM	2.128,37	2.057,07	2.128,03
Total ⁽²⁾	796,18	635,76	794,85

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00.

(2) Inclui ignorado.

Os rendimentos médios dos condutores sugerem que, embora concentrados em estratos intermediários, a remuneração desses trabalhadores situava-se entre a média e o limite inferior de cada faixa de remuneração. No total, a remuneração média era pouco superior a cinco salários mínimos em dezembro de 2000⁶. As mulheres recebiam, em média, cerca de 80% da remuneração paga aos homens.

⁶ Na ocasião o salário mínimo era de R\$ 151,00.

Tabela 6
Jornada de trabalho contratual dos condutores
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino %	Feminino %	Total %
Até 20 horas	0,16	0,50	0,16
De 21 a 40 horas	11,73	11,46	11,72
De 41 a 44 horas	88,12	88,03	88,12
Mais de 44 horas	---	---	---
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

A grande maioria dos condutores tem jornada contratual entre 41 e 44 horas semanais, segundo as informações constantes da Tabela 6. No entanto, segundo a PED, que faz o levantamento amostral domiciliar, 76,5% cumpre uma jornada semanal de trabalho superior a 44 horas. Essa discrepância pode estar revelando que os estabelecimentos, ao declararem as informações, o fazem apenas em relação à jornada formal, e não indicam a realização de uma jornada extra não remunerada. A informação domiciliar, por sua vez, é prestada diretamente pelos trabalhadores que tendem a informar a sua jornada real de trabalho.

Tabela 7
Distribuição dos condutores por tamanho de estabelecimento
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
Até 4 empregados	7,71	10,79	7,74
De 5 a 49 empregados	30,80	31,72	30,81
De 50 a 99 empregados	9,80	9,62	9,80
De 100 a 499 empregados	21,60	20,50	21,59
500 ou mais empregados	30,08	27,36	30,06
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

Por tamanho de estabelecimento, os condutores estão distribuídos, principalmente, em três classes, por quantidade de empregados: de 5 a 49 (30,8%), de 100 a 499 (21,6%) e 500 ou mais (30,1%), o que equivale a 82,5% dos trabalhadores da ocupação. Distribuição similar é observada tanto para mulheres quanto para homens.

As variáveis possibilitam uma significativa caracterização da ocupação de condutores. Ressalte-se, uma vez mais, que a fonte básica de dados sobre a qual ela foi construída é a RAIS, sendo que a PED forneceu informações para qualificar essas mesmas informações. Delineadas as características principais do perfil dos condutores em geral, cabe agora analisar qual é a caracterização dessa ocupação nos três setores onde ela está mais concentrada, relacionados

anteriormente. São apresentadas menos informações quantitativas e são feitos comentários que demarquem as diferenças e semelhanças existentes com relação ao total da ocupação.

3.1 b Perfil dos condutores do setor de transporte e comunicações

Esse setor é o que mais congrega condutores, pouco menos da metade do total (46,7%). É um segmento do setor de serviços e tem uma relação direta com o desempenho geral da economia, principalmente a área de transportes. A primeira característica a ser apresentada é a distribuição por faixa etária, conforme a Tabela 8.

Tabela 8
Distribuição etária dos condutores de transporte e comunicações
RMSP- 2000

Faixas etárias	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
10 a 17 anos	0,01	0,60	0,02
18 a 24 anos	5,04	13,75	5,10
25 a 39 anos	45,65	57,77	45,74
40 a 49 anos	33,76	21,91	33,67
50 a 64 anos	14,86	5,98	14,79
65 anos e mais	0,67	0,00	0,67
Total ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

A distribuição por faixa etária dos condutores desse setor tem comportamento similar ao do total da ocupação, inclusive no que diz respeito ao perfil por sexo.

Tabela 9
Escolaridade dos condutores de transporte e comunicações
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
Analfabeto	1,01	0,60	1,01
1º Grau Incompleto (1)	61,92	44,42	61,79
1º Grau Completo (2)	30,04	36,85	30,10
2º Grau Completo (3)	6,82	17,93	6,90
Superior Completo	0,20	0,20	0,20
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclui analfabetos.

(2) Inclui 2º grau incompleto.

(3) Inclui superior incompleto.

A questão a destacar quanto à escolaridade é que nesse setor ela é pior que a do total dos condutores. O percentual de trabalhadores que cursaram até o 1º grau completo é inferior nesse setor, sendo que mais de 60% não cursaram o 1º grau completo.

Tabela 10
Distribuição dos condutores
de transportes e comunicações por faixa de rendimento
RMSP – 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino %	Feminino %	Total %
Até 2 SM	4,03	9,56	4,07
De 2 a 3 SM	6,01	10,56	6,04
De 3 a 5 SM	33,78	43,03	33,85
De 5 a 10 SM	49,94	31,67	49,80
Mais de 10 SM	2,95	1,79	2,94
Total ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

De acordo com os dados da Tabela 10 acima, pode-se inferir que a distribuição por faixa de rendimento dos condutores de transporte e comunicações é melhor do que a do total da ocupação. Entretanto, a remuneração média desses trabalhadores é praticamente igual, no setor e no conjunto da ocupação, como pode ser observado nas Tabela 1.5 e 4.4 do Anexo deste relatório.

A jornada de trabalho contratual dos condutores de transporte e comunicações é, para ampla maioria destes, superior a 40 horas semanais, à semelhança do conjunto dos trabalhadores dessa ocupação. Também a distribuição dos condutores desse setor por tamanho de estabelecimento é bastante similar à do total da ocupação. (vide Tabelas 1.6, 1.7, 4.5 e 4.6, respectivamente, no Anexo).

3.1.c Perfil dos condutores do comércio

O comércio é outro segmento do setor terciário que tem uma relação direta com o desempenho econômico, ainda mais que o de transporte e comunicações. Se a economia e as vendas crescerem, o transporte das mercadorias vai aumentar junto, o que é favorável ao emprego na ocupação dos condutores. O movimento em sentido oposto da atividade econômica acarretará efeitos contrários aos descritos anteriormente. A caracterização dos condutores no comércio, que representa a segunda parcela dos trabalhadores dessa ocupação, após o segmento de transportes e comunicações, segue os mesmos parâmetros utilizados até o momento.

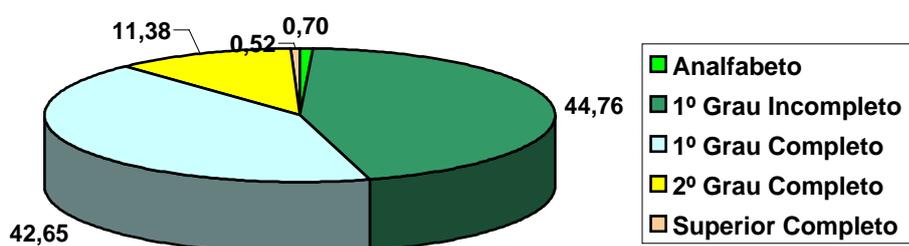
No que diz respeito à distribuição etária, os condutores do comércio possuem praticamente o mesmo perfil que o conjunto dos trabalhadores dessa ocupação. Em ambos os casos, a grande maioria está concentrada nas faixas de 25 a 39 anos e 40 a 49 anos (cerca de 77% - Tabela 3.1 do Anexo).

A mesma situação se repete com relação à escolaridade dos condutores, com a grande maioria dos trabalhadores tendo cursado apenas até o primeiro grau completo⁷: 89,2% para o total e 87,5% para o comércio (Tabela 3.2 do Anexo). A única diferença reside em que existe uma maior proporção de condutores com o 1º grau completo no comércio relativamente ao total, quando predomina a concentração dos que ainda não lograram o mesmo nível escolar.

⁷ O primeiro grau completo no presente trabalho incorpora os que têm o segundo grau incompleto.

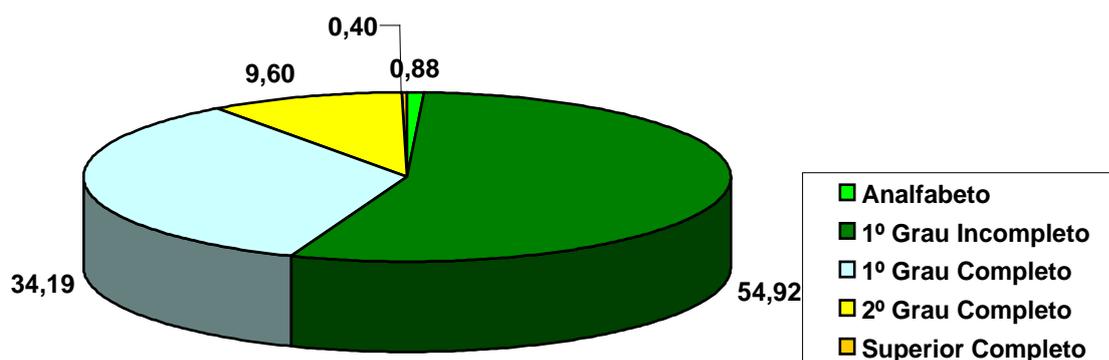
Os Gráficos 2 e 3, abaixo, ilustram o perfil da escolaridade dos condutores do comércio e do conjunto da ocupação.

Gráfico 2
Escolaridade dos condutores do comércio 2000



Fonte: RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

Gráfico 3
Escolaridade dos condutores - total da ocupação - 2000



Fonte: RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

A distribuição por faixa de rendimento dos condutores do comércio está mais concentrada nos estratos inferiores. Desses trabalhadores, 70,2% recebem até 5 salários mínimos, sendo que 56,6% encontram-se na faixa de 3 a 5 salários mínimos. Para as mesmas faixas, para o conjunto da ocupação, as participações dos condutores são de 52,3% e 40,3%, respectivamente. A remuneração média dos condutores no comércio era de R\$ 689,02, em dezembro de 2000, cerca de 13,3% inferior ao rendimento médio do conjunto dos trabalhadores da ocupação. (consultar no Anexo, Tabelas 1.4 e 1.5, referentes ao total da ocupação, e 3.3 e 3.4, relativas aos condutores do comércio, para uma visão mais ampla desse quadro).

No que se refere à jornada de trabalho contratual, a quase totalidade dos condutores do comércio está no grupo de 41 a 44 horas semanais (98,4%). Essa concentração extremamente elevada é a maior verificada nos três setores analisados para essa ocupação, (Tabelas 1.6, 2.4, 3.5 e 4.5 do Anexo).

Com relação à distribuição por tamanho de estabelecimento, existe uma proporção significativa de condutores do comércio nas firmas que têm até 4 funcionários e de 5 a 49 empregados (19,6% e 58,5%, perfazendo mais de três quartos do total desse segmento). Esse quadro difere substancialmente do observado para o conjunto da ocupação e dos condutores do setor de transporte e comunicações. Em ambos os casos, há uma distribuição mais eqüitativa entre três grupos de estabelecimentos (vide itens 3.1.a e 3.1.b acima e as tabelas 1.7, 3.6 e 4.6 no Anexo).

3.1.d Perfil dos condutores da administração pública direta e autárquica

A administração pública é o setor, entre os selecionados, que emprega a menor porção de condutores (7,27%), sendo, inclusive, inferior ao conjunto da indústria. A escolha desse segmento para a caracterização dos condutores a ele vinculados ao invés da indústria se deve a dois critérios principais. Em primeiro lugar, apesar da indústria concentrar uma quantidade de condutores expressiva, os diversos ramos de atividade que a compõem empregam uma porção bastante reduzida de trabalhadores dessa ocupação.

O segundo motivo é o fato da administração pública possuir características distintas daquelas das atividades privadas, no que diz respeito à dinâmica de gestão da mão-de-obra. As condições próprias que regem o funcionalismo do setor público, estabilidade e obrigatoriedade de contratação via concurso público, previstas em dispositivos legais, faz com que a mobilidade do quadro de pessoal estatutário seja menor do que àquela verificada na dinâmica das atividades privadas. Entretanto, na última década do século XX, o setor público sofreu forte contração, via redução de seu contingente funcional, terceirização de atividades e drástico corte de contratação de novos servidores via concurso público. Esse fato, certamente contribui para explicar o perfil dos trabalhadores da administração pública, entre eles os condutores. (vide Tabelas 2.1 a 2.6, no Anexo)

Essas características próprias da administração pública podem ser verificadas na distribuição etária dos condutores por ela empregados. A sua

concentração ocorre nas faixas de 40 a 49 anos (41,6%) e 50 a 64 anos (32,3%), enquanto que no total da ocupação, a maior parcela dos trabalhadores encontra-se nas faixas de 25 a 39 anos (46,2%) e de 40 a 49 anos (31,6%).

O grau de instrução dos condutores, por sua vez, é praticamente igual na administração pública e no conjunto da ocupação. Em ambos, a maioria possui no máximo, até o primeiro grau completo (88,8% e 90%, respectivamente). Isso revela que a exigência de maior escolaridade não é fator determinante para a contratação dos trabalhadores dessa ocupação.

No que diz respeito à distribuição por faixa de rendimento, situação parecida ocorre com a maioria dos condutores encontrando-se nos grupos de 3 a 5 e de 5 a 10 salários mínimos, embora, no total da ocupação, a concentração nessas faixas seja significativamente superior à da administração pública (79,8% contra 65,2%, respectivamente). Além disso, a parcela de trabalhadores que recebe até 3 salários mínimos é maior na administração pública (18,4%) do que no total (12,1%).

No entanto, não obstante essa diferença de distribuição por faixas de remuneração, o rendimento médio dos condutores da administração pública era superior, em dezembro de 200, ao do conjunto da ocupação (R\$ 871,15 contra R\$ 794,85, respectivamente).

Com relação à jornada de trabalho contratual, a ampla maioria dos condutores da administração pública encontra-se no grupo de 21 a 40 horas semanais (88,1%) enquanto o total da ocupação no grupo entre 41 e 44 horas

semanais (88,1%). Essa diferença pode ser atribuída às especificidades do funcionalismo público, comentadas anteriormente.

Por tamanho de estabelecimento também existe uma substancial diferença entre os condutores da administração pública e do seu conjunto. A quase totalidade dos primeiros encontra-se nos estabelecimentos com mais de 100 empregados, sendo a grande maioria (85,5%) naqueles com mais de 500 empregados. Pouco mais metade do total dos condutores, por outro lado, está localizada nos estabelecimentos com de 100 empregados e 30% estão nos que tem de 5 a 49 empregados.

3.2. A caracterização dos garçons e *barmen*

A ocupação de garçons, *barmen* e assemelhados (cód. 532 da CBO) engloba os seguintes trabalhadores⁸: garçom, em geral; *maître*; garçom (serviço de vinhos); chefe de bar; *barmen*; copeiro; copeiro (hospital); atendente de lanchonete; outros garçons, *barmen* e trabalhadores assemelhados. Assim como para os condutores, essa relação descreve, de modo sucinto, as funções da ocupação de garçons e *barmen*.

Também como os condutores, a ocupação ora caracterizada se circunscreve à delimitação espacial da Região Metropolitana de São Paulo, por ser essa a região de referência para a construção do modelo piloto do SIPOESP.

⁷ Segundo a CBO.

3.2.a Perfil dos garçons e *barmen* – total da ocupação

O primeiro passo é a verificação da distribuição setorial da ocupação, para identificar em quais atividades ela está mais concentrada, o que pode ser conferido na Tabela 11.

Tabela 11
Distribuição setorial dos garçons, *barmen* e assemelhados
RMSP - 2000

Setores	Masculino %	Feminino %	Total %
Indústria - outros setores ⁽¹⁾	0,86	5,00	3,08
Ind. alimentícios, bebidas e álcool etílico	6,72	9,00	7,85
Outros serviços e comércio atacadista	4,19	23,00	13,42
Comércio varejista	15,41	13,00	14,04
Serv. alojamento, alimentação, outros ...	72,81	50,00	61,60
Total	100,00	100,00	100,00

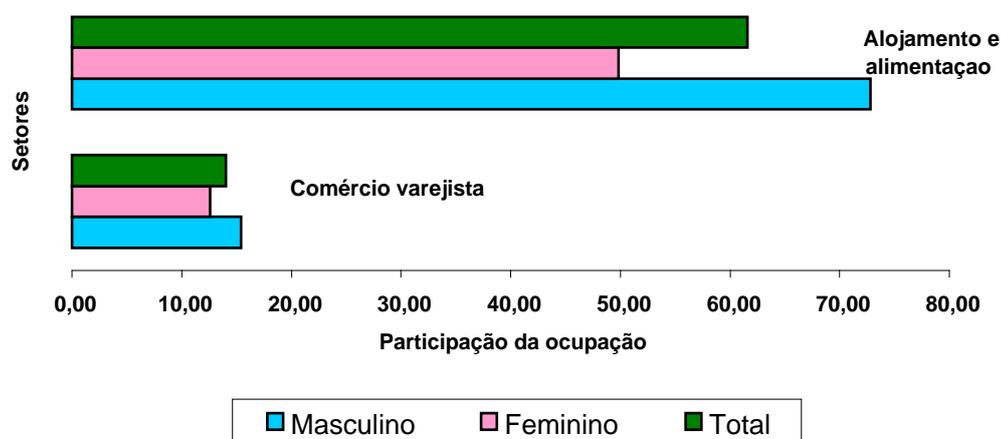
Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui extrativa mineral, serviços industriais e construção civil

Os setores em que existem maior quantidade de garçons e *barmen* são, pela ordem, os serviços de alojamento e alimentação e o comércio varejista. Juntos os dois, que são do setor terciário da economia, empregam 75,6% dos trabalhadores da ocupação. Ambos têm uma relação direta com o desempenho da atividade econômica, sendo que o primeiro tem experimentado significativa expansão nos últimos anos, o que ainda deve continuar ocorrendo por um bom tempo. O grupo de outros serviços e comércio atacadista congrega vários

segmentos de atividade diversos que não tem, individualmente, uma participação significativa na ocupação. O Gráfico 4 ilustra a distribuição da ocupação de garçons e *barmen*.

Gráfico 4
Distribuição setorial dos garçons e barmen



Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Ao contrário dos condutores, as condições de contratação dos garçons e *barmen* é bastante precária. Segundo a PED, apenas 42,1 % são assalariados formais, sendo 40,1% privados e 2,0% públicos, 23,2% não têm registro em carteira, 25,0% são autônomos e os demais são trabalhadores domésticos e trabalhadores familiares, entre outros.

Uma característica pessoal importante dessa ocupação (Tabela 5.1 do Anexo) é a elevada participação das mulheres (48,8%), bastante próxima à dos

homens (51,2%). A seguir são apresentadas as demais características do perfil dos garçons e *barmen*, inclusive para identificar semelhanças e diferenças que existem entre os sexos masculino e feminino em cada uma das variáveis.

Tabela 12
Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados etária
RMSP 2000

Faixas etárias	Masculino %	Feminino %	Total %
10 a 17 anos	3,00	5,09	4,02
18 a 24 anos	35,70	32,28	34,03
25 a 39 anos	47,57	35,98	41,91
40 a 49 anos	9,38	17,27	13,23
50 a 64 anos	4,03	8,81	6,36
65 anos e mais	0,32	0,54	0,43
Total ⁽¹⁾	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado

Como pode ser observado na Tabela 12, a distribuição etária dos homens e mulheres é bastante similar nessa ocupação, concentrando-se nas faixas de 18 a 24 e 25 a 39 anos, embora a participação masculina seja maior nesses dois grupos. Existem, proporcionalmente, mais mulheres do que homens nas faixas de 10 a 17 e 50 a 64 anos. Para o total da ocupação de garçons e *barmen*, a distribuição etária é concentrada nos mesmos grupos de 18 a 24 e 25 a 39 anos (75,9%, no total de ambos).

Tabela 13
Escolaridade dos garçons, *barmen* e assemelhados
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
Analfabeto	0,80	1,33	1,06
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	48,19	43,24	45,77
1º Grau Completo ⁽²⁾	41,08	42,09	41,57
2º Grau Completo ⁽³⁾	9,53	12,87	11,16
Superior Completo	0,40	0,47	0,44
TOTAL	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclusive analfabetos

(2) Inclui 2º grau incompleto

(3) Inclui superior incompleto

A escolaridade dos garçons e *barmen* concentra-se em duas faixas, como pode ser observado na Tabela 13, sendo que 87,3% cursaram apenas até o primeiro grau completo. A mesma situação é observada para homens e mulheres.

Tabela 14
Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados
por faixa de rendimento
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino %	Feminino %	Total %
Até 2 SM	8,18	19,05	13,49
De 2 a 3 SM	52,48	53,37	52,92
De 3 a 5 SM	31,63	20,60	26,24
De 5 a 10 SM	4,71	3,68	4,20
Mais de 10 SM	1,05	0,28	0,67
Total (1)	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Cerca de 93,0% dos garçons e *barmen* recebem até 5 salários mínimos, sendo que pouco mais da metade têm remuneração entre 2 e 3 salários mínimos. Essa forte concentração nas faixas de menor rendimento é verificada tanto para homens como para mulheres, embora essas tenham maior participação nos estratos inferiores, enquanto há uma parcela mais expressiva de homens na faixa de 3 a 5 salários mínimos, como pode ser verificado na Tabela 14. Esse perfil se reflete no rendimento médio dos trabalhadores dessa ocupação: R\$ 431,51 para o total, R\$ 462,01 para os homens e R\$ 399,53 para as mulheres, em dezembro de 2000. (Tabela 5.5 do Anexo)

Tabela 15
Jornada de trabalho contratual dos garçons, *barmen* e
assemelhados
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino %	Feminino %	Total %
Até 20 horas	7,99	11,29	9,60
De 21 a 40 horas	6,22	14,64	10,33
De 41 a 44 horas	85,79	74,06	80,06
Mais de 44 horas	---	---	---
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

No que se refere à jornada de trabalho contratual, conforme a Tabela 15, 80,1% do total de garçons e *barmen* tem contrato entre 41 e 44 horas semanais, sendo que para os homens esse percentual é de 85,8% e para as mulheres de 74,1%. Há uma maior proporção de mulheres que se encontram nos grupos de até 20 e de 21 a 40 horas semanais. É importante destacar que, segundo a PED, 62,0% dos garçons e *barmen* trabalham acima de 44 horas semanais, portanto superior à jornada legal, o que pode ser explicado pela expressiva participação de trabalhadores excluídos do assalariamento formal que podem estar exercendo a atividade com jornadas inferiores.

Tabela 16
Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados por tamanho de estabelecimento
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino %	Feminino %	Total %
Até 4 empregados	10,56	10,39	10,48
De 5 a 49 empregados	60,62	42,79	51,92
De 50 a 99 empregados	15,15	14,30	14,73
De 100 a 499 empregados	8,32	13,19	10,70
500 ou mais empregados	5,34	19,34	12,17
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Mais da metade (51,9%) dos trabalhadores da ocupação localizam-se nos estabelecimentos de menor porte, de 5 a 49 empregados. Para os demais estabelecimentos, há uma distribuição mais homogênea da quantidade de trabalhadores da ocupação. Esse perfil é diferente para homens e mulheres. Enquanto os primeiros estão mais concentrados nos empreendimentos menores, há uma maior participação de mulheres, em relação aos homens, naqueles acima de 100 empregados.

3.2.b Perfil dos garçons e *barmen* dos serviços de alojamento e alimentação

O segmento de serviços de alojamento e alimentação é um dos setores da economia que mais se expandiram nos últimos anos, em função dos expressivos

incentivos e investimentos no turismo. As perspectivas, pelo menos para os próximos anos, são de intensificação desse processo, embora adversidades macroeconômicas, como as crises cambiais, a prática de juros elevados, e a queda da renda real das famílias, por exemplo, possam desestimular os investimentos em geral, e tornem os agentes bastante cautelosos e reticentes para realização de novos empreendimentos de prazo mais longo de maturação, como são as construções de hotéis, parques temáticos e outras atrações turísticas.

É importante destacar que para a Região Metropolitana de São Paulo, em particular para a capital do estado, o que predomina é o turismo de negócios, que depende mais do nível de atividades da economia, nacional e internacional, do que da renda disponível da população.

Os serviços de alojamento respondem por 61,6% do emprego dos garçons e *barmen*. O perfil desses trabalhadores é bastante similar, para todas as variáveis descritas, ao do conjunto da ocupação.

No que diz respeito à distribuição etária, 81,7% dos trabalhadores da ocupação nos serviços de alojamento e alimentação tem entre 18 e 24 e 25 e 39 anos, em partes praticamente iguais, contra 75,9% do total da ocupação, com a ligeira diferença para o total da ocupação existe uma proporção menor na faixa de 18 a 24 anos. A distribuição etária de homens no segmento obedece o mesmo padrão observado para o total da ocupação. No caso das mulheres destaca-se uma presença mais acentuada na faixa de 18 a 24 para esse setor quando

comparado ao conjunto da ocupação.

A escolaridade dos garçons e *barmen*, tanto no segmento quanto no total, é relativamente reduzida, para homens e mulheres. A grande maioria dos trabalhadores possui apenas até o primeiro grau completo.

A mesma situação se verifica com relação à distribuição por faixas de rendimentos, com cerca de 93% dos trabalhadores da ocupação, no segmento e no total, recebendo até 5 salários mínimos, o que ocorre também tanto para homens quanto para mulheres. O rendimento médio dos garçons e *barmen* é praticamente igual, no segmento de alojamento e alimentação e no total da ocupação. A única diferença, ainda assim reduzida, é que o rendimento médio das mulheres é menor no segmento, em relação ao total, significando uma distância pouco maior entre a remuneração de homens e mulheres, em favor dos primeiros (Tabela 5.5 e 6.4 do Anexo).

A jornada de trabalho contratual também tem perfil similar para os serviços de alojamento e alimentação e o total da ocupação, com forte concentração na faixa de 41 a 44 horas semanais (74,6% e 80,1%, respectivamente). Essa pequena diferença se deve a uma maior participação, no segmento, das mulheres nas jornadas até 20 horas e de 21 a 40 horas semanais.

No que se refere ao tamanho do estabelecimento, a distribuição é praticamente a mesma nos serviços de alojamento e no conjunto da ocupação, inclusive por sexo, destacando-se apenas uma maior presença feminina nos estabelecimentos médios no segmento (50 a 59 empregados) em contraposição à

diminuição nos grandes estabelecimentos (acima de 500 empregados).

3.2.c Perfil dos garçons e *barmen* do comércio varejista

O comércio, conforme já comentado no item 3.1.c, tem estreita relação com o desempenho geral da economia, em particular com o nível de emprego e a renda disponível para consumo.

O comércio varejista emprega 14,0% dos trabalhadores da ocupação de garçons e *barmen*. Essa proporção, relativamente baixa, indica que a influência do setor na determinação do perfil da ocupação é reduzida, podendo apresentar diferenças significativas entre as características dos trabalhadores da ocupação no comércio e no conjunto, o que é observado, em especial para as variáveis econômicas – remuneração, jornada e tamanho do estabelecimento. A caracterização por faixas etárias e escolaridade é similar no setor e no total da ocupação. Apenas quanto ao sexo, é que se verifica uma maior proporção de homens do que mulheres no comércio, em relação à observada para o conjunto da ocupação. (Tabela 5.1 e 7.1 do Anexo).

Há uma significativa diferença no perfil da remuneração dos garçons e *barmen* do comércio varejista e do total da ocupação. No que diz respeito à distribuição por faixa de rendimentos, há uma forte concentração de trabalhadores da ocupação no comércio na faixa de 2 a 3 salários mínimos (73,4%), e os que recebem até 5 salários mínimos representam 95,7%. No conjunto da ocupação, as participações para os mesmos agrupamentos ou faixas são, respectivamente, 52,9% e 92,6%.

O rendimento médio dos garçons e *barmen* no comércio varejista é inferior ao do conjunto da ocupação em 11,3% (R\$ 382,95 e R\$ 431,51, respectivamente). Essa diferença para os homens é de 16%, e para as mulheres de 6%.

Com relação à jornada contratual de trabalho, os trabalhadores da ocupação no comércio varejista localizam-se em sua quase totalidade na faixa de 41 a 44 horas semanais (98,1%). Para o conjunto da ocupação essa participação é de 80,1%. Concentração similar, nos dois casos, é verificada para os sexos masculino e feminino, neste último caso diferenciando-se daquela verificada para o conjunto da ocupação (97,3% contra 74,1%).

A distribuição dos garçons e *barmen* por tamanho de estabelecimento é onde se verificam as diferenças mais expressivas. No comércio varejista, 92,0% dos trabalhadores da ocupação estão em pequenos estabelecimentos (até 49 empregados), enquanto no conjunto da ocupação essa proporção é de 62,4%. Como contrapartida, existe uma absorção muito reduzida desses trabalhadores do comércio em estabelecimentos de maior porte, principalmente naqueles com mais de 100 empregados. Por outro lado, no total da ocupação há uma participação mais significativa nos estabelecimentos maiores, principalmente as mulheres nos que têm mais de 100 empregados.

4. A NOVA CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES

O Ministério do Trabalho e do Emprego - MTE vem desenvolvendo há algum tempo um amplo trabalho de revisão da Classificação Brasileira de Ocupações, de 1994, com o envolvimento de várias entidades e instituições da sociedade civil e com uma significativa participação dos trabalhadores de diversas ocupações para melhor delinear e redefinir-las.

O resultado desse esforço é a construção de uma Nova Classificação Brasileira de Ocupações, a CBO 2000. Em recente reunião, representantes do MTE que têm participado diretamente, desde o início e inclusive da coordenação, da revisão da CBO de 1994, fizeram uma exposição em que apresentaram os resultados desse trabalho. Abordaram, de maneira sistematizada e objetiva, quais os fundamentos e a estrutura da CBO 2000, o processo de sua elaboração e sua relação e compatibilidade com a classificação ocupacional vigente. Participaram da reunião técnicos da Fundação SEADE, da SERT, do DIEESE e do CESIT, incluindo os que compõem a equipe do SIPOESP.

Pelo apresentado, a nova CBO tem significativas diferenças em relação à atual, embora a estrutura básica de ambas seja semelhante. A implementação de uma CBO reestruturada, que incorpora novas definições e engloba um espectro mais amplo do universo ocupacional, vai demandar importantes modificações e adequações por parte dos que as utilizam em seus trabalhos direta e indiretamente: os produtores de estatísticas primárias e os usuários dessas informações.

A implementação da nova Classificação Brasileira de Ocupações, a CBO 2000, terá impactos importantes na estruturação e operação do Sistema de Projeções Ocupacionais. Como sua base fundamental de informações relativas às ocupações é a RAIS, cuja produção de estatísticas tem por base a CBO 94, a montagem das projeções ocupacionais terá que incorporar os ajustes necessários para compatibilizar a nova classificação ocupacional com a atual. Essa adequação será fundamental para preservar os trabalhos já efetuados e consolidados, em particular as séries históricas de evolução das ocupações, que têm sido um dos balizamentos centrais para a escolha daquelas que vão compor a estrutura do Sistema

Tendo em vista esta nova situação e as tarefas que ela impõe, são feitas, mais adiante, considerações sobre impactos decorrentes da implementação da nova CBO, e medidas necessárias para contorná-los e superá-los, que garantam a consecução das metas estabelecidas pela equipe técnica que está desenvolvendo o Sistema de Projeções Ocupacionais. Antes, porém, é apresentada, de modo sintético, a estrutura da CBO 2000, para melhor situar aquelas considerações, com base na explanação dos representantes do MTE.

A estrutura da CBO 2000:

- Grandes Grupos (1º dígito)
- Subgrupos Principais (2º dígito)
- Subgrupos (3º dígito)

- Grupos de base ou famílias ocupacionais (4º dígito)
- Ocupações

Esta estrutura pressupõe somente um nível de competência possível por cada uma de suas divisões, sendo que dois conceitos sustentam a construção da nomenclatura da CBO 2000:

- *emprego ou situação de trabalho*: unidade estatística de observação, definido como um conjunto de atividades desempenhadas por uma pessoa com ou sem vínculo empregatício.

- *competências*, subdividido em duas dimensões: *nível de competência* e *domínio (ou especialização) das competências*.

Os Grandes Grupos constituem o nível mais agregado de classificação (10 grupos contra 8 na CBO 94):

0. Forças Armadas, Policiais e Bombeiros Militares, sem nível de competência definido;

1. Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas e gerentes;

2. Profissionais das ciências e das artes, de nível superior;

3. Técnicos de nível médio;

4. Trabalhadores de serviços administrativos (divididos em trabalhos de rotina e procedimentos administrativos internos e de atendimento ao público);

5. Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados;

6. Trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e da pesca;

7. Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais (processos discretos);

8. Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais (processos contínuos);

9. Trabalhadores de manutenção e reparação.

O Subgrupo Principal foi criado na nova estrutura para melhorar o equilíbrio hierárquico entre o número de grandes grupos e subgrupos e aprimorar a agregação por domínio (50 na CBO 2000 e inexistentes na CBO 94);

O Subgrupo indica, de forma ampla, o domínio dos campos profissionais de famílias ocupacionais agregadas (190 contra 86 na CBO 94);

O Grupo de Base ou Família Ocupacional agrupa situações de emprego ou ocupações similares, identificados por processos, funções ou ramos de atividades, e é a unidade de classificação mais desagregada (600 contra 353 na CBO 94).

As ocupações específicas ainda estão sendo consolidadas. Sua definição, ou das atividades e processos que as caracterizam, foi construída em um processo de ampla participação e discussão com trabalhadores, que deram informações fundamentais sobre as características efetivas de cada uma delas.

Esse procedimento deve garantir aderência entre a CBO 2000 e a realidade do mundo do trabalho.

A estrutura da nova CBO, a partir de proposta elaborada pelo MTE e o IBGE, tem sido discutida junto a sindicatos, órgãos de formação profissional, escolas técnicas, universidades e institutos de pesquisa.

A agregação e a descrição e nomeação de famílias ocupacionais foi realizada através de parceria do MTE com instituições de pesquisa, universidades, entidades públicas de pesquisa e análise, entre outras, em todo o país.

Um primeiro aspecto relevante de mudança entre a CBO 2000 e a CBO 94 é o significativo aumento na quantidade de grandes grupos, subgrupos, famílias ocupacionais e ocupações específicas (embora ainda não definidas, já se sabe que devem ser próximas a 30.000 titulações, contra 2.356 ocupações na CBO 94) e a inclusão do subgrupo principal, inexistente na CBO 94. Além dessa ampliação houve, certamente, mudança nas denominações, nas características e conteúdos, dos agrupamentos e das ocupações específicas, o que já pode ser identificado nos grandes grupos, comparando-se a relação da CBO 2000 divulgada, relacionada acima, com a da CBO 94.

Essas duas alterações, ampliação e novas denominações, vão implicar na reestruturação das agregações, o que, por sua vez, vai impor uma redefinição da codificação, vigente atualmente e que serve de referência para a produção de dados estatísticos primários sobre a realidade do trabalho, os quais são utilizados

amplamente por institutos de pesquisa, universidades, sindicatos, entidades públicas e privadas, profissionais diversos e estudantes envolvidos com essa temática. Ou seja, a adoção e implementação da CBO 2000 vai afetar significativamente a produção técnica e acadêmica sobre as condições, as relações e a evolução do mundo do trabalho.

O aspecto que deve ser mais afetado, provavelmente, é a preservação ou a confiabilidade das séries históricas em todas as pesquisas, amostrais e censitárias, que têm como referência a codificação da CBO 94. Tendo em vista a necessidade de equacionar esse problema e para que não se percam os registros existentes, está sendo construída uma tabela de conversão das ocupações da CBO 94 para a CBO 2000, com a indicação da respectiva codificação. Essa tabela deverá ser, em princípio, um instrumento fundamental para os usuários da CBO 94 e das estatísticas produzidas nela fundamentadas, diretas e indiretas, primárias e secundárias, preservarem a comparabilidade e a confiabilidade dos trabalhos realizados e em desenvolvimento.

Para que esse objetivo possa ser logrado, todos esses trabalhos terão que ser revistos, não só em termos quantitativos como qualitativos e analíticos. Nesse sentido, deverão ser eleitas prioridades e feitas escolhas para realização da adequação necessária. Mesmo assim, não é certo que, inclusive aonde for feita à adequação, haja garantia de compatibilidade e de confiabilidade da série histórica. Isso porque a ampla maioria dos estudos que tem por referência a CBO 94 utilizam as famílias ocupacionais, pois são estas as divulgadas publicamente e

não as ocupações específicas, para as quais é preciso demandar dos organismos e instituições produtores de estatísticas primárias tabulações especiais, quando as fazem. Para compatibilizar os dados e as séries históricas será necessário ter acesso às informações por ocupações específicas, e rever as estatísticas produzidas e utilizadas para vários anos do período considerado. Um problema adicional é a eliminação do código 90 (outros trabalhadores não identificados), o que tornará extremamente difícil, se não impossível, a conversão em muitos casos.

Não obstante as observações feitas anteriormente é essencial reconhecer que a construção e implementação da CBO 2000 é da maior relevância e necessidade, pois vai permitir capturar e identificar a realidade atual do mercado de trabalho brasileiro, em suas várias dimensões, que sofreu amplas e profundas transformações nos anos 90, principalmente. Do ponto de vista das ocupações, muitas desapareceram, outras várias perderam ou ganharam importância relativa e uma quantidade expressiva foram criadas, durante o profundo processo de transformação da economia e das relações de trabalho no Brasil.

Esse quadro, delineado nos comentários acima, vai impor à estruturação, ao desenvolvimento e à operação do Sistema de Projeções Ocupacionais um amplo esforço de adequação e revisão dos trabalhos já realizados e a serem efetuados, até a implementação definitiva e generalização. Dois dos critérios fundamentais para a seleção de ocupações são sua evolução nos últimos cinco anos na década de 90 e sua participação no total do emprego. Ocorre que esses

critérios têm por referência as famílias ocupacionais⁹ da CBO 94, e não as ocupações específicas, pois os dados disponíveis são relativos àquelas.

A mesma evolução histórica é fundamental para a caracterização e a projeção do futuro das famílias ocupacionais. Para manter a confiabilidade das informações já tabuladas e das opções realizadas com base nelas, é preciso compatibilizar os dados que têm como um de seus fundamentos a classificação da CBO 94 com a CBO 2000. Para tanto é preciso converter a codificação das ocupações pertencentes a cada família da CBO 94 para as correspondentes na CBO 2000 e, a partir daí, redefinir as famílias ocupacionais. Cumprida essa tarefa, será necessário refazer as tabulações que fundamentaram ou venham a fundamentar nossas opções e a consecução dos trabalhos daí derivados, para todos os anos em que isso se fizer necessário. Além de exaustivo, essa tarefa de adequação vai requerer tabulações especiais, desagregadas por ocupações específicas que compõem as famílias. É importante lembrar que os trabalhos já realizados e consolidados e os que ainda serão desenvolvidos também têm por base a PED e a PNAD. Como essas duas pesquisas são amostrais, pode ser impossível uma maior abertura por ocupações, sob o risco dos resultados não possuírem a confiabilidade necessária.

Cabe ressaltar, entretanto, que a utilização de informações estatísticas que tenham como referência a CBO 2000 será extremamente relevante para a estruturação e operação do Sistema de Projeções Ocupacionais. A descrição das

⁹ Denominamos ocupações o que na realidade são famílias ocupacionais por uma mera questão de simplificação e objetividade das discussões. Mas temos ciência, desde o início que, de fato, trabalhamos com as famílias ocupacionais.

ocupações é muito mais detalhada e aderente à realidade, no que diz respeito às funções, ao contexto, às modalidades e ao conteúdo dos processos de trabalho que lhe são próprios. Nesse sentido, a seleção, a caracterização e a projeção das ocupações terão maior qualidade e confiabilidade, o que vai permitir um aprimoramento, objetividade e credibilidade a seus resultados, que irão contribuir com maior eficácia para a elaboração de políticas públicas, a organização de cursos de formação profissional, o planejamento da ação sindical, a orientação a entidades patronais e a empresas, e o subsídio às opções profissionais e empregatícias dos trabalhadores e do público em geral.

5. PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS E DEMANDA DE OCUPAÇÕES:

DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Conforme já discutido nos relatórios anteriores, o cenário macroeconômico e sua segmentação em perspectivas de evolução setorial são os elementos centrais para projetar a demanda de ocupações. As previsões do desempenho futuro da economia contidas em um cenário macroeconômico e do comportamento dos setores de atividade dele derivadas ou com ele compatíveis possibilitam identificar qual deve ser a evolução do emprego setorial.

A estrutura ocupacional permite, por sua vez, verificar qual o total de trabalhadores em cada ocupação para um dado de nível de emprego. A partir dessa informação e da expectativa de evolução do emprego por setor, é possível projetar qual vai ser o comportamento futuro das ocupações que o compõem.

Como as diversas ocupações podem estar presentes em mais de um setor, considera-se, para projetar cada ocupação específica, sua perspectiva em cada um dos setores, para daí, inferir qual deve ser a demanda projetada para o conjunto da ocupação. Essa projeção, entretanto, deve ser ajustada pela sua tendência anterior, que indica se a ocupação está aumentando, mantendo ou diminuindo sua importância na estrutura ocupacional setorial. Esse comportamento é influenciado, principalmente, pela reestruturação produtiva e organizacional das atividades, e sua intensidade, em função de novas tecnologias e a incorporação de novos processos de organização do trabalho.

Os cenários macroeconômicos e de previsões do comportamento dos setores de atividade, entretanto, possuem limitações importantes que tornam necessário dimensionar qual o alcance de sua utilização e em que medida eles contribuem para as projeções da demanda de ocupações. No último relatório encaminhado a esta Secretaria, sobre o Sistema de Projeções Ocupacionais, foi apresentada a descrição de visitas realizadas a instituições que elaboram cenários macroeconômicos, análises conjunturais e estudos setoriais prospectivos. Para cada instituição visitada foram indicados o que produzem, com qual periodicidade e qual a disponibilidade de seus estudos. Foi discutido, também, um cenário macroeconômico específico¹⁰, com a descrição sintética de suas hipóteses, fundamentações e projeções, e comentários sobre suas limitações e contribuições.

¹⁰ Esse cenário foi elaborado pelo professor Fábio Giambiagi do BNDES.

A principal restrição dos cenários macroeconômicos conhecidos para os objetivos das projeções de ocupações, é sua abrangência, que é circunscrita aos grandes agregados da economia, sem abordar as perspectivas para os setores de atividade. Seu maior grau de abertura, no que se refere à produção, é por categorias de uso. No entanto, eles fazem prognósticos sobre variáveis econômicas fundamentais, como câmbio, juros, inflação, gastos públicos, consumo das famílias, PIB, entre outros. Essas variáveis afetam, em geral, o conjunto dos setores da economia, mas de forma diferenciada. Sua projeção, portanto, pode ser uma das orientações que possibilitam identificar quais os rumos futuros dos diferentes setores. Para tanto, é preciso identificar como cada um deles é afetado por essas variáveis, o que pode ser feito através de estudos setoriais e em contatos com entidades patronais e de trabalhadores, por exemplo.

As projeções ocupacionais dependem, principalmente, de prognósticos sobre o comportamento dos setores. A matriz insumo-produto e a matriz de coeficientes técnicos dela derivados, que nos informam qual a relação entre os setores e qual o coeficiente de emprego em cada um deles são os instrumentos que, em tese, podem identificar a projeção setorial, tomando por base, as previsões de um cenário macroeconômico. Dado um determinado nível de demanda final é possível determinar qual o valor da produção em cada setor, e qual sua correspondência com os demais, em termos absolutos. A partir do coeficiente de emprego é possível calcular qual o volume de emprego que deveria corresponder à produção de cada setor.

Essa determinação do valor da produção de cada setor pode ser efetuada com a utilização da matriz de coeficientes técnicos, a matriz inversa de Leontief¹¹, um vetor do valor de produção setorial e um vetor de demanda final setorial. Essas informações podem ser obtidas das diversas tabelas, ou matrizes, que compõem a matriz insumo-produto, em princípio. Entretanto, esta existe no Brasil para um determinado ano específico, 1996. Os cenários macroeconômicos não fazem projeções sobre o valor da produção setorial e a demanda final setorial nacional, mas apenas em nível agregado, ou seja, o valor da produção total e a demanda final total da economia. Não é feita qualquer derivação do nível agregado para o âmbito setorial nessas projeções.

Outra forte restrição, talvez a mais relevante, é que a matriz insumo-produto de 1996 é construída com base na de 1985, ano do último censo econômico realizado no país. Portanto ela não reflete as profundas mudanças na estrutura produtiva nacional ocorridas nos anos 90, em função da abertura econômica, da reestruturação produtiva, da incorporação de inovações tecnológicas e novas formas de organização do trabalho, do processo de privatização e desnacionalização da economia e das políticas macroeconômicas, em particular a de juros, a cambial e a de controle da inflação. No entanto, essa matriz insumo-produto pode servir como um parâmetro inicial para a construção de projeções setoriais e, por conseguinte, da demanda de ocupações. As pesquisas anuais da indústria, do comércio e dos serviços elaboradas pelo IBGE

¹¹ A matriz inversa de Leontief corresponde à matriz resultante da diminuição da matriz de coeficientes técnicos da matriz identidade, elevada a menos 1.

e informações obtidas junto a entidades de classe onde se localizam as ocupações estudadas podem contribuir para minimizar esse problema.

Essas questões precisam ser aprofundadas para verificar a possibilidade de usar essa base informacional e sua estrutura analítica. Em que medida esse trabalho vai prosseguir, e deve ter continuidade não só durante o desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais como durante sua operação. Porém, um primeiro modelo básico deve ser construído, atendendo aos propósitos do sistema de projeções e servindo de pilar para sua evolução com o aprofundamento dos estudos sobre aquele instrumental. Deve-se, também, identificar como relacioná-lo com as projeções agregadas dos cenários macroeconômicos. Um primeiro passo nessa direção pode ser o aprofundamento do debate com as equipes técnicas dos institutos de pesquisa e universidades envolvidos com os estudos de cenários macroeconômicos e setoriais.

O objetivo aqui foi registrar algumas reflexões que contribuam para a discussão e o desenvolvimento de um modelo de projeções econômicas setoriais, que sirva de base para as projeções das tendências futuras das ocupações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório tem como objetivo central apresentar um modelo de caracterização de ocupações, constituindo a primeira parte deste documento. Esse exercício foi realizado para duas ocupações, que estão entre as selecionadas para a estruturação do modelo piloto do Sistema de Projeções

Ocupacionais: condutores e garçons. Para cada uma delas foram selecionados os setores em que elas estão mais presentes, para os quais foi feita análise similar. O perfil delineado para ambas as ocupações, total e por setor selecionado, foi elaborado com base em variáveis previamente selecionadas: sexo, idade, escolaridade, remuneração, jornada de trabalho e tamanho de estabelecimento.

Embora o relatório a ser produzido pelo SIPOESP com o perfil das onze ocupações escolhidas para o modelo piloto deva ser sintético, optou-se pela apresentação de uma caracterização mais ampla e completa, contemplando todas aquelas variáveis. Pretendia-se apresentar um delineamento do perfil das duas ocupações selecionadas que servisse de parâmetro para o desenho definitivo do modelo do relatório do SIPOESP. Sua construção deve considerar todas as comparações e análises possíveis para cada ocupação, para que sejam definidas as mais relevantes para melhor caracterizá-la.

Ressalte-se que as informações que servem de base para o estudo aqui apresentado constituem um banco de dados que subsidiam o desenvolvimento do Sistema, assim como as demais tabulações e tabelas já construídas. Elas podem, e devem, viabilizar e facilitar a realização de outros trabalhos posteriores, vinculados ao desenvolvimento do sistema, que não necessariamente faça parte de sua estrutura, mas sejam complementares ou subsidiárias a ela.

A segunda parte desse documento trata da elaboração e futura implementação da nova Classificação Brasileira de Ocupações, a CBO 2000. São levantadas questões da maior relevância sobre o impacto que sua implementação

vai causar no Sistema de Projeções Ocupacionais. A principal é a necessidade e a dificuldade de adequação da nova classificação ocupacional com a atualmente em vigor, e na qual se fundamenta o trabalho realizado até o momento pelo SIPOESP. O esforço que essa modificação vai demandar exigirá que sejam feitas importantes opções pela equipe técnica, entre elas, o que se deve privilegiar para compatibilizar a base informacional que fundamenta as definições e avanços do SIPOESP com a CBO 2000, no que refere à codificação e à descrição das ocupações específicas e das famílias ocupacionais.

Esse é um desafio que em breve se colocará para o SIPOESP, o que já está sendo feito através do estreitamento das relações da SERT-SP com a equipe do MTE responsável pela consolidação e futura implementação da CBO 2000. Além da obtenção das informações sobre a nova estrutura de classificação ocupacional, sugere-se que sejam definidas ações que preparem e antecipem o enfrentamento desse problema, minimizando as dificuldades que ele possa acarretar para o desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais.

A terceira e última parte ocupou-se em aprofundar um pouco mais a utilização de perspectivas macroeconômicas e setoriais que devem fundamentar as projeções da demanda de ocupações. É feita uma primeira discussão sobre a matriz insumo-produto e suas possibilidades. São indicadas as limitações e dificuldades em utilizar esse instrumental, bem como apontados caminhos que possam superá-las ou contorná-las, ainda que preliminares e pouco aprofundados. Recomenda-se o avanço deste estudo e que um maior

conhecimento sobre esses procedimentos seja continuamente perseguido.

Ao longo do relatório são indicadas etapas a serem cumpridas nos próximos passos da equipe técnica do SIPOESP. A seguir elas são apresentadas sintética e ordenadamente, mas sem priorizá-las.

- 1) Realizar a ampla caracterização das onze ocupações do modelo piloto, de acordo com as variáveis e critérios definidos;
- 2) Definir um modelo padrão e sintético de caracterização para o primeiro relatório do SIPOESP;
- 3) Definir ações que preparem a implementação do CBO 2000 e já antecipe mecanismos para enfrentamento dos problemas que ela possa acarretar;
- 4) Aprofundar os conhecimentos sobre os cenários macroeconômicos e suas possibilidades para a projeção da demanda de ocupações;
- 5) Convidar institutos de pesquisa e universidades responsáveis pela elaboração de cenários macroeconômicos para apresentar e discutir seu trabalho com a equipe técnica do SIPOESP.

Essas atividades fazem parte do desenvolvimento do Sistema de Projeções Ocupacionais e seu cumprimento deve ser perseguido. Outras podem ser definidas que se sobreponham àquelas em função de sua prioridade. Mas elas não podem ser abandonadas e devem ser logo alcançadas para permitir a progressão dos trabalhos.

ANEXOS

Tabelas de caracterização das ocupações

1. CONDUTORES - TOTAL

Tabela 1.1
Distribuição setorial dos condutores
RMSP - 2000

Setores	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Indústria	14.114	9,85	107	8,95	14.221	9,85
Construção civil	6.454	4,51	27	2,26	6.481	4,49
Serviços	9.214	6,43	110	9,21	9.324	6,46
Com. e adm. imóveis, valores mobiliários ...	10.124	7,07	183	15,31	10.307	7,14
Administração pública direta e autárquica	10.436	7,29	69	5,77	10.505	7,27
Comércio - varejista e atacadista	25.082	17,51	194	16,23	25.276	17,50
Transportes e comunicações	66.923	46,72	502	42,01	67.425	46,68
Total ⁽¹⁾	143.235	100,00	1.195	100,00	144.430	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Considera as seguintes classificações setoriais: agricultura, silvicultura e extrativismo vegetal; extrativa mineral; e outros.

Tabela 1.2
Distribuição etária dos condutores
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	32	0,02	6	0,50	38	0,03
18 a 24 anos	9.334	6,52	216	18,08	9.550	6,61
25 a 39 anos	66.041	46,11	651	54,48	66.692	46,18
40 a 49 anos	45.338	31,65	233	19,50	45.571	31,55
50 a 64 anos	21.309	14,88	81	6,78	21.390	14,81
65 anos e mais	1.166	0,81	8	0,67	1.174	0,81
TOTAL ⁽¹⁾	143.235	100,00	1.195	100,00	144.430	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 1.3
Escolaridade dos condutores
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	1.269	0,89	7	0,59	1.276	0,88
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	78.824	55,03	494	41,34	79.318	54,92
1º Grau Completo ⁽²⁾	48.929	34,16	456	38,16	49.385	34,19
2º Grau Completo ⁽³⁾	13.640	9,52	227	19,00	13.867	9,60
Superior Completo	573	0,40	11	0,92	584	0,40
Total	143.235	100,00	1.195	100,00	144.430	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclusive analfabetos

(2) Inclui 2º grau incompleto

(3) Inclui superior incompleto

Tabela 1.4
Distribuição por faixa de rendimento dos condutores
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salário mínimo)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	4.876	3,40	158	13,22	5.034	3,49
De 2 a 3 SM	12.226	8,54	180	15,06	12.406	8,59
De 3 a 5 SM	57.739	40,31	460	38,49	58.199	40,30
De 5 a 10 SM	56.731	39,61	312	26,11	57.043	39,50
Mais de 10 SM	7.739	5,40	37	3,10	7.776	5,38
Total ⁽¹⁾	143.235	100,00	1.195	100,00	144.430	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 1.5
Rendimento médio dos condutores
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		(em R\$) ⁽¹⁾ Total	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	1.085.526,90	222,63	38.619,55	244,43	1.124.146,45	223,31
De 2 a 3 SM	4.829.394,40	395,01	70.280,29	390,45	4.899.674,69	394,94
De 3 a 5 SM	33.711.732,67	583,86	263.391,16	572,59	33.975.123,83	583,78
De 5 a 10 SM	57.942.148,78	1.021,3 5	311.334,72	997,87	58.253.483,50	1.021,2 2
Mais de 10 SM	16.471.473,28	2.128,3 7	76.111,67	2.057,07	16.547.584,95	2.128,0 3
Total ⁽²⁾	114.040.276,03	796,18	759.737,39	635,76	114.800.013,42	794,85

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 1.6
Jornada de trabalho contratual dos condutores
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	224	0,16	6	0,50	230	0,16
De 21 a 40 horas	16.796	11,73	137	11,46	16.933	11,72
De 41 a 44 horas	126.215	88,12	1.052	88,03	127.267	88,12
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	143.235	100,00	1.195	100,00	144.430	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Tabela 1.7
Distribuição por tamanho de estabelecimento dos condutores –
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 4 empregados	11.049	7,71	129	10,79	11.178	7,74
De 5 a 49 empregados	44.116	30,80	379	31,72	44.495	30,81
De 50 a 99 empregados	14.040	9,80	115	9,62	14.155	9,80
De 100 a 499 empregados	30.941	21,60	245	20,50	31.186	21,59
500 ou mais empregados	43.089	30,08	327	27,36	43.416	30,06
Total	143.235	100,00	1.195	100,00	144.430	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais -

2. CONDUTORES – Administração Pública

Tabela 2.1
Distribuição etária dos condutores da administração pública
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	0	0,00	0	0,00	0	0,00
18 a 24 anos	54	0,52	0	0,00	54	0,51
25 a 39 anos	2.442	23,40	21	30,43	2.463	23,45
40 a 49 anos	4.347	41,65	26	37,68	4.373	41,63
50 a 64 anos	3.371	32,30	18	26,09	3.389	32,26
65 anos e mais	221	2,12	4	5,80	225	2,14
Total ⁽¹⁾	10.436	100,00	69	100,00	10.505	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 2.2
Escolaridade dos condutores da administração pública
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	52	0,50	1	1,45	53	0,50
1º Grau Incompleto (¹)	6.015	57,64	28	40,58	6.043	57,52
1º Grau Completo (²)	3.200	30,66	29	42,03	3.229	30,74
2º Grau Completo (³)	1.120	10,73	11	15,94	1.131	10,77
Superior Completo	49	0,47	0	0,00	49	0,47
Total	10.436	100,00	69	100,00	10.505	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclui analfabetos

(2) Inclui 2º grau incompleto

(3) Inclui superior incompleto

Tabela 2.3
Distribuição por faixa de rendimento dos condutores da
administração pública
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salário mínimo)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	158	1,51	2	2,90	160	1,52
De 2 a 3 SM	1.754	16,81	16	23,19	1.770	16,85
De 3 a 5 SM	4.352	41,70	26	37,68	4.378	41,68
De 5 a 10 SM	2.450	23,48	15	21,74	2.465	23,47
Mais de 10 SM	1.474	14,12	5	7,25	1.479	14,08
Total (¹)	10.436	100,00	69	100,00	10.505	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 2.4
Rendimento médio dos condutores da administração pública –
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total ^{(em R\$) ⁽¹⁾}	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	34.592,33	218,94	426,46	213,23	35.018,79	218,87
De 2 a 3 SM	702.691,25	400,62	6.565,01	410,31	709.256,26	400,71
De 3 a 5 SM	2.472.217,19	568,06	13.982,60	537,79	2.486.199,79	567,88
De 5 a 10 SM	2.510.032,88	1.024,50	16.751,55	1.116,77	2.526.784,43	1.025,06
Mais de 10 SM	3.385.299,13	2.296,68	8.895,08	1.779,02	3.394.194,21	2.294,93
Total ⁽²⁾	9.104.832,78	872,44	46.620,70	675,66	9.151.453,48	871,15

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 2.4
Jornada de trabalho contratual dos condutores da
administração pública
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	1	0,01	0	0,00	1	0,01
De 21 a 40 horas	9.196	88,12	63	91,30	9.259	88,14
De 41 a 44 horas	1.239	11,87	6	8,70	1.245	11,85
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	10.436	100,00	69	100,00	10.505	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Tabela 2.6
Distribuição por tamanho de estabelecimento dos condutores
da administração pública
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 4 empregados	6	0,06	0	0,00	6	0,06
De 5 a 49 empregados	44	0,42	0	0,00	44	0,42
De 50 a 99 empregados	79	0,76	0	0,00	79	0,75
De 100 a 499 empregados	1.389	13,31	7	10,14	1.396	13,29
500 ou mais empregados	8.918	85,45	62	89,86	8.980	85,48
Total	10.436	100,00	69	100,00	10.505	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

3. CONDUTORES – Comércio

Tabela 3.1
Distribuição etária dos condutores do comércio ⁽¹⁾
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	10	0,04	1	0,52	11	0,04
18 a 24 anos	2.775	11,06	41	21,13	2.816	11,14
25 a 39 anos	13.221	52,71	116	59,79	13.337	52,77
40 a 49 anos	6.340	25,28	28	14,43	6.368	25,19
50 a 64 anos	2.573	10,26	7	3,61	2.580	10,21
65 anos e mais	159	0,63	1	0,52	160	0,63
Total ⁽²⁾	25.082	100,00	194	100,00	25.276	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Comércio varejista e atacadista.

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 3.2
Escolaridade dos condutores do comércio ⁽¹⁾
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	175	0,70	1	0,52	176	0,70
1º Grau Incompleto ⁽²⁾	11.255	44,87	58	29,90	11.313	44,76
1º Grau Completo ⁽³⁾	10.694	42,64	85	43,81	10.779	42,65
2º Grau Completo ⁽⁴⁾	2.830	11,28	46	23,71	2.876	11,38
Superior Completo	128	0,51	4	2,06	132	0,52
Total	25.082	100,00	194	100,00	25.276	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Comércio varejista e atacadista.

(2) Exclui analfabetos.

(3) Inclui 2º grau incompleto.

(4) Inclui superior incompleto.

Tabela 3.3
Distribuição por faixa de rendimento dos condutores do comércio (1)
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salário mínimo)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	491	1,96	6	3,09	497	1,97
De 2 a 3 SM	2.902	11,57	38	19,59	2.940	11,63
De 3 a 5 SM	14.201	56,62	90	46,39	14.291	56,54
De 5 a 10 SM	6.206	24,74	46	23,71	6.252	24,73
Mais de 10 SM	774	3,09	4	2,06	778	3,08
Total ⁽²⁾	25.082	100,00	194	100,00	25.276	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Comércio varejista e atacadista.

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 3.4
Rendimento médio dos condutores do comércio ⁽¹⁾
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total ⁽²⁾	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	118.885,41	242,13	1.605,20	267,53	120.490,61	242,44
De 2 a 3 SM	1.145.219,81	394,63	14.785,68	389,10	1.160.005,49	394,56
De 3 a 5 SM	8.365.773,99	589,10	51.998,59	577,76	8.417.772,58	589,03
De 5 a 10 SM	6.103.428,61	983,47	43.270,24	940,66	6.146.698,85	983,16
Mais de 10 SM	1.562.885,28	2.019,2 3	7.835,46	1.958,87	1.570.720,74	2.018,9 2
Total ⁽³⁾	17.296.193,10	689,59	119.495,17	615,95	17.415.688,27	689,02

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Comércio varejista e atacadista.

(2) Valores de dezembro/00.

(3) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 3.5
Jornada de trabalho contratual dos condutores do comércio ⁽¹⁾
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	81	0,32	1	0,52	82	0,32
De 21 a 40 horas	332	1,32	0	0,00	332	1,31
De 41 a 44 horas	24.669	98,35	193	99,48	24.862	98,36
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	25.082	100,00	194	100,00	25.276	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Comércio varejista e atacadista.

Tabela 3.6
Distribuição por tamanho do estabelecimento dos condutores
do comércio ⁽¹⁾
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 4 empregados	4.910	19,58	49	25,26	4.959	19,62
De 5 a 49 empregados	14.664	58,46	102	52,58	14.766	58,42
De 50 a 99 empregados	2.355	9,39	19	9,79	2.374	9,39
De 100 a 499 empregados	2.865	11,42	23	11,86	2.888	11,43
500 ou mais empregados	288	1,15	1	0,52	289	1,14
TOTAL	25.082	100,00	194	100,00	25.276	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Comércio varejista e atacadista.

4. CONDUTORES – Transporte e Comunicações

Tabela 4.1
Distribuição etária dos condutores de transporte e comunicações
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	10	0,01	3	0,60	13	0,02
18 a 24 anos	3.373	5,04	69	13,75	3.442	5,10
25 a 39 anos	30.549	45,65	290	57,77	30.839	45,74
40 a 49 anos	22.591	33,76	110	21,91	22.701	33,67
50 a 64 anos	9.944	14,86	30	5,98	9.974	14,79
65 anos e mais	450	0,67	0	0,00	450	0,67
Total ⁽¹⁾	66.923	100,00	502	100,00	67.425	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%

Tabela 4.2
Escolaridade dos condutores de transporte e comunicações –
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	675	1,01	3	0,60	678	1,01
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	41.442	61,92	223	44,42	41.665	61,79
1º Grau Completo ⁽²⁾	20.107	30,04	185	36,85	20.292	30,10
2º Grau Completo ⁽³⁾	4.564	6,82	90	17,93	4.654	6,90
Superior Completo	135	0,20	1	0,20	136	0,20
Total	66.923	100,00	502	100,00	67.425	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclui analfabetos.

(2) Inclui 2º grau incompleto.

(3) Inclui superior incompleto.

Tabela 4.3
Distribuição por faixa de rendimento dos condutores de
transporte e comunicações
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	2.696	4,03	48	9,56	2.744	4,07
De 2 a 3 SM	4.019	6,01	53	10,56	4.072	6,04
De 3 a 5 SM	22.606	33,78	216	43,03	22.822	33,85
De 5 a 10 SM	33.419	49,94	159	31,67	33.578	49,80
Mais de 10 SM	1.971	2,95	9	1,79	1.980	2,94
Total ⁽¹⁾	66.923	100,00	502	100,00	67.425	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 4.4
Rendimento médio dos condutores de transporte e comunicações
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		(em R\$) ⁽¹⁾ Total	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	576.996,34	214,02	11.264,07	234,67	588.260,41	214,38
De 2 a 3 SM	1.575.446,76	392,00	21.018,42	396,57	1.596.465,18	392,06
De 3 a 5 SM	13.005.750,21	575,32	120.821,73	559,36	13.126.571,94	575,17
De 5 a 10 SM	34.400.630,34	1.029,37	158.983,91	999,90	34.559.614,25	1.029,23
Mais de 10 SM	3.849.043,82	1.952,84	22.934,02	2.548,22	3.871.977,84	1.955,54
Total ⁽²⁾	53.407.867,47	798,05	335.022,15	667,37	53.742.889,62	797,08

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 4.5
Jornada de trabalho contratual dos condutores de transporte e
comunicações
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	42	0,06	2	0,40	44	0,07
De 21 a 40 horas	3.701	5,53	38	7,57	3.739	5,55
De 41 a 44 horas	63.180	94,41	462	92,03	63.642	94,39
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	66.923	100,00	502	100,00	67.425	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Tabela 4.6
Distribuição por tamanho de estabelecimento dos condutores
de transporte e comunicações
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 4 empregados	3.427	5,12	34	6,77	3.461	5,13
De 5 a 49 empregados	13.722	20,50	123	24,50	13.845	20,53
De 50 a 99 empregados	6.831	10,21	58	11,55	6.889	10,22
De 100 a 499 empregados	16.557	24,74	144	28,69	16.701	24,77
500 ou mais empregados	26.386	39,43	143	28,49	26.529	39,35
Total	66.923	100,00	502	100,00	67.425	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

5. GARÇONS e *BARMEN* - TOTAL

Tabela 5.1 -
Distribuição setorial dos garçons, *barmen* e assemelhados
RMSP - 2000

Setores	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Indústria - outros setores (1)	350	0,86	2.090	5,00	2.440	3,08
Ind. Alimentícios, bebidas e álcool etílico	2.724	6,72	3.487	9,00	6.211	7,85
Outros serviços e comércio atacadista	1.697	4,19	8.923	23,00	10.620	13,42
Comércio varejista	6.242	15,41	4.873	13,00	11.115	14,04
Serv. Alojamento, alimentação, outros	29.493	72,81	19.261	50,00	48.754	61,60
Total	40.506	100,00	38.634	100,00	79.140	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui extrativa mineral, serviços industriais e construção civil.

Tabela 5.2
Distribuição etária dos garçons, *barmen* e assemelhados
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	1.215	3,00	1.968	5,09	3.183	4,02
18 a 24 anos	14.461	35,70	12.472	32,28	26.933	34,03
25 a 39 anos	19.268	47,57	13.899	35,98	33.167	41,91
40 a 49 anos	3.798	9,38	6.673	17,27	10.471	13,23
50 a 64 anos	1.634	4,03	3.403	8,81	5.037	6,36
65 anos e mais	128	0,32	209	0,54	337	0,43
Total ⁽¹⁾	40.506	100,00	38.634	100,00	79.140	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 5.3
Escolaridade dos garçons, *barmen* e assemelhados
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	324	0,80	514	1,33	838	1,06
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	19.521	48,19	16.704	43,24	36.225	45,77
1º Grau Completo ⁽²⁾	16.640	41,08	16.260	42,09	32.900	41,57
2º Grau Completo ⁽³⁾	3.859	9,53	4.973	12,87	8.832	11,16
Superior Completo	162	0,40	183	0,47	345	0,44
TOTAL	40.506	100,00	38.634	100,00	79.140	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclusive analfabetos

(2) Inclui 2º grau incompleto

(3) Inclui superior incompleto

**Tabela 5.4 –
Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados por faixa de rendimento
RMSP - 2000**

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	3.315	8,18	7.358	19,05	10.673	13,49
De 2 a 3 SM	21.258	52,48	20.620	53,37	41.878	52,92
De 3 a 5 SM	12.811	31,63	7.959	20,60	20.770	26,24
De 5 a 10 SM	1.906	4,71	1.421	3,68	3.327	4,20
Mais de 10 SM	427	1,05	107	0,28	534	0,67
Total ⁽¹⁾	40.506	100,00	38.634	100,00	79.140	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%

**Tabela 5.5
Rendimento médio dos garçons, *barmen* e assemelhados
RMSP - 2000**

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total ⁽¹⁾	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	765.546,72	230,93	1.752.158,42	238,13	2.517.705,14	235,89
De 2 a 3 SM	8.180.048,14	384,80	7.694.188,04	373,14	15.874.236,18	379,06
De 3 a 5 SM	6.939.723,74	541,70	4.402.025,69	553,09	11.341.749,43	546,06
De 5 a 10 SM	1.846.762,93	968,92	1.363.806,25	959,75	3.210.569,18	965,00
Mais de 10 SM	982.103,82	2.300,0 1	223.164,25	2.085,6 5	1.205.268,07	2.257,0 6
Total ⁽²⁾	18.714.185,35	462,01	15.435.342,65	399,53	34.149.528,00	431,51

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 5.6
Jornada de trabalho contratual dos garçons, *barmen* e
assemelhados
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	3.238	7,99	4.363	11,29	7.601	9,60
De 21 a 40 horas	2.519	6,22	5.657	14,64	8.176	10,33
De 41 a 44 horas	34.749	85,79	28.614	74,06	63.363	80,06
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	40.506	100,00	38.634	100,00	79.140	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Tabela 5.7
Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados por tamanho de
estabelecimento
RMSP – 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Ate 4 empregados	4.279	10,56	4.014	10,39	8293	10,48
De 5 a 49 empregados	24.556	60,62	16.531	42,79	41087	51,92
De 50 a 99 empregados	6.137	15,15	5.523	14,30	11660	14,73
De 100 a 499 empregados	3.369	8,32	5.096	13,19	8465	10,70
500 ou mais empregados	2.165	5,34	7.470	19,34	9635	12,17
Total	40.506	100,00	38.634	100,00	79.140	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

6. GARÇONS e *BARMEN* – Alojamento e Alimentação

Tabela 6.1

Distribuição etária dos garçons, *barmen* e assemelhados de alojamento e alimentação
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	1.042	3,53	1.791	9,30	2.833	5,81
18 a 24 anos	11.121	37,71	9.030	46,88	20.151	41,33
25 a 39 anos	13.632	46,22	6.042	31,37	19.674	40,35
40 a 49 anos	2.578	8,74	1.692	8,78	4.270	8,76
50 a 64 anos	1.034	3,51	670	3,48	1.704	3,50
65 anos e mais	84	0,28	36	0,19	120	0,25
Total ⁽¹⁾	29.493	100,00	19.261	100,00	48.754	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 6.2

Escolaridade dos garçons, *barmen* e assemelhados de alojamentos e alimentação
RMSP

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	230	0,78	163	0,85	393	0,81
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	13.029	44,18	5.991	31,10	19.020	39,01
1º Grau Completo ⁽²⁾	13.049	44,24	9.872	51,25	22.921	47,01
2º Grau Completo ⁽³⁾	3.102	10,52	3.151	16,36	6.253	12,83
Superior Completo	83	0,28	84	0,44	167	0,34
TOTAL	29.493	100,00	19.261	100,00	48.754	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclui analfabetos.

(2) Inclui 2º grau incompleto.

(3) Inclui superior incompleto.

Tabela 6.3
Distribuição dos garçons, *barmen* e
assemelhados de alojamento e alimentação por faixa de rendimento
RMSP – 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	2.763	9,37	5.056	26,25	7.819	16,04
De 2 a 3 SM	14.030	47,57	9.932	51,57	23.962	49,15
De 3 a 5 SM	10.547	35,76	3.265	16,95	13.812	28,33
De 5 a 10 SM	1.298	4,40	357	1,85	1.655	3,39
Mais de 10 SM	267	0,91	27	0,14	294	0,60
Total ⁽¹⁾	29.493	100,00	19.261	100,00	48.754	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 6.4
Rendimento médio dos garçons, *barmen* e assemelhados de
alojamento e alimentação
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	626.842,42	226,87	1.174.265,01	232,25	1.801.107,43	230,35
De 2 a 3 SM	5.603.645,90	399,40	3.759.544,96	378,53	9.363.190,86	390,75
De 3 a 5 SM	5.685.308,36	539,05	1.784.529,98	546,56	7.469.838,34	540,82
De 5 a 10 SM	1.247.241,91	960,90	339.035,32	949,68	1.586.277,23	958,48
Mais de 10 SM	615.906,58	2.306,77	55.011,81	2.037,47	670.918,39	2.282,04
Total ⁽²⁾	13.778.945,17	467,19	7.112.387,08	369,26	20.891.332,25	428,50

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 6.5
Jornada de trabalho contratual dos garçons, *barmen* e
assemelhados de alojamento e alimentação
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	3.206	10,87	4.313	22,39	7.519	15,42
De 21 a 40 horas	2.036	6,90	2.846	14,78	4.882	10,01
De 41 a 44 horas	24.251	82,23	12.102	62,83	36.353	74,56
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	29.493	100,00	19.261	100,00	48.754	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Tabela 6.6
Distribuição por tamanho de estabelecimento dos garçons e
***barmen* de alojamento e alimentação**
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 4 empregados	3.057	10,37	1.816	9,43	4873	10,00
De 5 a 49 empregados	17.547	59,50	8.296	43,07	25843	53,01
De 50 a 99 empregados	5.457	18,50	4.169	21,64	9626	19,74
De 100 a 499 empregados	2.849	9,66	2.336	12,13	5185	10,64
500 ou mais empregados	583	1,98	2.644	13,73	3227	6,62
Total	29.493	100,00	19.261	100,00	48.754	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

7. GARÇONS e *BARMEN* – Comércio Varejista

Tabela 7.1

Distribuição etária dos garçons, *barmen* e assemelhados do comércio varejista
RMSP - 2000

Faixas etárias	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
10 a 17 anos	132	2,11	129	2,65	261	2,35
18 a 24 anos	2.069	33,15	1.915	39,30	3.984	35,84
25 a 39 anos	3.164	50,69	1.931	39,63	5.095	45,84
40 a 49 anos	596	9,55	592	12,15	1.188	10,69
50 a 64 anos	264	4,23	287	5,89	551	4,96
65 anos e mais	17	0,27	18	0,37	35	0,31
Total ⁽¹⁾	6.242	100,00	4.873	100,00	11.115	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 7.2 -

Escolaridade dos garçons, *barmen* e assemelhados do comércio varejista
RMSP - 2000

Grau de Instrução	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Analfabeto	46	0,74	56	1,15	102	0,92
1º Grau Incompleto ⁽¹⁾	3.820	61,20	2.133	43,77	5.953	53,56
1º Grau Completo ⁽²⁾	2.046	32,78	2.061	42,29	4.107	36,95
2º Grau Completo ⁽³⁾	313	5,01	599	12,29	912	8,21
Superior Completo	17	0,27	24	0,49	41	0,37
TOTAL	6.242	100,00	4.873	100,00	11.115	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Exclusive analfabetos.

(2) Inclui 2º grau incompleto.

(3) Inclui superior incompleto.

Tabela 7.3
Distribuição dos garçons, *barmen* e
assemelhados do comércio varejista por faixa de rendimento
RMSP – 2000

Faixas de rendimento (em salário mínimo)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 2 SM	224	3,59	533	10,94	757	6,81
De 2 a 3 SM	4.723	75,66	3.430	70,39	8.153	73,35
De 3 a 5 SM	1.030	16,50	702	14,41	1.732	15,58
De 5 a 10 SM	137	2,19	87	1,79	224	2,02
Mais de 10 SM	8	0,13	2	0,04	10	0,09
Total ⁽¹⁾	6.242	100,00	4.873	100,00	11.115	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 7.4
Rendimento médio dos garçons, *barmen* e assemelhados do
comércio varejista
RMSP - 2000

Faixas de rendimento (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total ⁽¹⁾	
	Total	Médio	Total	Médio	Total	Médio
Até 2 SM	54.589,62	243,70	134.029,34	251,46	188.618,96	249,17
De 2 a 3 SM	1.662.915,02	352,09	1.238.281,68	361,02	2.901.196,70	355,84
De 3 a 5 SM	560.406,25	544,08	377.753,47	538,11	938.159,72	541,66
De 5 a 10 SM	129.582,57	945,86	79.003,16	908,08	208.585,73	931,19
Mais de 10 SM	16.808,85	2.101,11	3.120,49	1.560,25	19.929,34	1.992,93
Total ⁽²⁾	2.424.302,31	388,39	1.832.188,14	375,99	4.256.490,45	382,95

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Obs: (1) Valores de dezembro/00.

(2) Inclui ignorado; a soma da distribuição % das faixas não é igual a 100%.

Tabela 7.5
Jornada de trabalho contratual dos garçons, *barmen* e
assemelhados do comércio varejista
RMSP - 2000

Jornada (em horas de trabalho semanais)	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 20 horas	15	0,24	6	0,12	21	0,19
De 21 a 40 horas	63	1,01	126	2,59	189	1,70
De 41 a 44 horas	6.164	98,75	4.741	97,29	10.905	98,11
Mais de 44 horas	---	---	---	---	---	---
Total	6.242	100,00	4.873	100,00	11.115	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Tabela 7.6
Distribuição dos garçons, *barmen* e assemelhados
do comércio varejista por tamanho de estabelecimento
RMSP - 2000

Tamanho do Estabelecimento	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Até 4 empregados	937	15,01	1.107	22,72	2044	18,39
De 5 a 49 empregados	4.876	78,12	3.307	67,86	8183	73,62
De 50 a 99 empregados	348	5,58	234	4,80	582	5,24
De 100 a 499 empregados	79	1,27	205	4,21	284	2,56
500 ou mais empregados	2	0,03	20	0,41	22	0,20
Total	6.242	100,00	4.873	100,00	11.115	100,00

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais